Os Tambores de Tombalku

por Robert E. Howard e L. Sprague DeCamp

Havia três homens sentados próximo ao poço d'água sob o sol do entardecer, que tingia o deserto de dourado e rubro. Um deles era branco e se chamava Amalric. Os outros dois eram ghanatas. Suas túnicas esfarrapadas mal cobriam seus corpos negros e esguios. Chamavam-se Gobir e Saidu, e tinham aspecto de abutres.

Perto dali, dois cavalos cansados ruminavam ruidosamente e mexiam em vão na areia nua. Os homens comiam tâmaras secas. Os negros só estavam atentos ao trabalho de suas mandíbulas, enquanto o branco olhava de vez em quando para o céu avermelhado ou para o monótono deserto, no qual as sombras se aprofundavam. Foi o primeiro a ver o cavaleiro, que chegou à sua direção galopando velozmente, e freou o cavalo com tanta força que este ergueu-se sobre duas patas.

O cavaleiro era um gigante, cuja pele, mais escura que a dos outros dois, assim como seus lábios grossos e nariz largo, indicavam o predomínio do sangue negro. Suas largas calças de seda, atadas aos tornozelos nus, estavam amarradas à cintura por uma faixa larga que dava várias voltas sobre seu enorme ventre. A faixa também sustentava uma cimitarra que muito poucos homens seriam capazes de manejar com uma só mão. Com aquela cimitarra, o homem havia adquirido fama entre os filhos do deserto. Era Tilutan, o orgulho de Ghanata.

Atravessado sobre a sela vazia, ou melhor, pendendo, um corpo inerte. Os ghanatas assobiaram ao ver sua pele branca. Tratava-se de uma garota que ia deitada de bruços sobre a sela de Tilutan. Seus cabelos caíam em negra cascata sobre um dos estribos.
O gigantesco negro sorriu, mostrando sua branquíssima dentadura, enquanto colocava sua prisioneira sobre a areia, com gesto indiferente. Gobir e Saidu voltaram-se instintivamente para Amalric, enquanto Tilutan olhava-o fixamente do cavalo. Três negros contra um branco. A presença da mulher havia causado uma mudança sutil no ambiente.

Aparentemente, Amalric era o único que não se dava contada tensão que reinava na atmosfera. Mecanicamente, lançou seus cachos loiros para trás e olhou com a mais absoluta indiferença a figura inerte da mulher. Se houve um brilho momentâneo em seus olhos cinzas, os demais não se deram conta.

Tilutan desceu do cavalo e estendeu as rédeas desdenhosamente a Amalric.

- Cuide do meu cavalo. – disse – Por Jhil, que não encontrei um antílope no deserto, mas sim esta potranca! Caminhava pela areia e caiu quando eu chegava a seu lado. Creio que perdeu a consciência, devido ao cansaço e à sede. Saiam daqui, chacais, e deixem que eu lhe dê de beber.

O enorme negro deitou a jovem junto ao poço d'água, começou a lavar o rosto e os pulsos, e deixou cair algumas gotas de água entre seus lábios ressecados. Logo, a garota soltou um gemido e se mexeu. Gobir e Saidu, agachados com as mãos apoiadas sobre os

joelhos, olhavam a jovem por cima dos ombros fortes de Tilutan. Amalric estava um pouco afastado do grupo, e sua atitude demonstrava uma absoluta displicência.

- Está recobrando os sentidos. – anunciou Gobir.

Saidu não disse nada, mas umedeceu seus lábios grossos com a ponta da língua.
Os olhos de Amalric repousaram com indiferença na figura prostrada e percorreram-na de cima a baixo, desde as sandálias destroçadas até a magnífica mata de cabelos negros. A jovem usava como vestimenta uma curta túnica presa à cintura. Deixava seus braços, pescoço e parte dos seus seios à mostra, e a saia terminava vários centímetros acima dos joelhos.

Amalric encolheu os ombros.

- Depois de Tilutan, quem é? – perguntou com tom indiferente.

Diante desta pergunta, duas cabeças delgadas viraram-se e olhos injetados de sangue pousaram sobre ele. Logo, os negros se olharam. De repente, uma elétrica rivalidade estourou entre eles.

- Não briguem. – disse Amalric – Que decidam os dados.

Enfiou a mão entre as dobras de sua túnica rasgada e tirou um par de dados, que lançou diante dos homens. Uma mão em forma de garra apoderou-se deles.

- De acordo! – disse Gobir – Os dados dirão... quem toca nela depois de Tilutan!

Amalric lançou um olhar ao enorme negro que ainda estava inclinado sobre sua prisioneira, ajudando-a a reanimar-se. Nesse momento, abriram-se os longos cílios da jovem. Uns olhos profundos, de cor violeta, miraram com espanto o rosto próximo do homem negro. Dos lábios grossos de Tilutan escapou uma exclamação de prazer. Tirou um frasco de sua faixa e levou-o aos lábios da moça. Esta bebeu o vinho mecanicamente. Amalric evitou-lhe o olhar. Era um homem branco contra três negros... todos tão fortes quanto ele.

Gobir e Saidu inclinaram-se sobre os dados. Saidu colocou-os na mão direita, soprou sobre esta, rogando à sorte, agitou-os e lançou-os. Duas cabeças de abutre se inclinaram sobre os pequenos dados, que rolaram sob a tênue luz do entardecer. Com um movimento rápido, Amalric desembainhou a espada e atacou. A lâmina de aço atravessou o pescoço delgado e cortou a jugular. Gobir, com a cabeça pendurada por um tendão, caiu sobre os dados em meio a uma poça de sangue.

Simultaneamente, Saidu, com a desesperada rapidez de um homem do deserto, se pôs em pé, desembainhou seu sabre e atacou ferozmente o homem branco. Amalric só teve tempo de aparar o golpe com a espada erguida. A cimitarra colidiu com a espada do branco e o fez cambalear, ao mesmo tempo em que a arma voava pra longe de seu alcance. Amalric se recuperou e estendeu os braços em direção a Saidu, para lutar com ele corpo-a-corpo. O corpo delgado do homem do deserto era duro como o aço.

Tilutan entendeu imediatamente o que ocorria. Deixou a garota e ergueu-se com um rugido. Correu em direção aos dois homens como um touro enfurecido, empunhando sua enorme cimitarra. Amalric o viu chegar, e o sangue gelou em suas veias. Saidu se retorcia e tentava girar, mas a cimitarra, que em vão tentava dirigir ao seu inimigo, dificultava seus movimentos. Os pés de ambos os lutadores estavam firmemente apoiados na areia, enquanto tentavam derrubar um ao outro. Amalric pisou violentamente o peito do pé do ghanata com o calcanhar de sua sandália, e sentiu que os ossos do homem estalavam. Saidu soltou um grito de dor e redobrou a violência de seu ataque. Nesse exato momento, Tilutan também atacou, fazendo a cimitarra girar com um impulso de seus ombros poderosos. Amalric sentiu que o aço deslizava por baixo de seu braço, e logo se cravava no corpo de Saidu. Este lançou um grito de agonia e soltou o braço de Amalric.

Tilutan proferiu uma blasfêmia e puxou o sabre para soltá-lo do corpo inerte. Mas, antes que pudesse atacar novamente, Amalric, apavorado ao ver a enorme lâmina de aço, saltou sobre ele.

O desespero tomou conta de Amalric quando sentiu a força do negro. Tilutan era muito mais prudente que Saidu. Deixou cair a cimitarra e agarrou Amalric pela garganta com ambas as mãos, enquanto lançava um grito. Os enormes dedos do negro fecharam-se como tenazes de ferro. Amalric, que lutava em vão para livrar-se dele, caiu ao solo, imobilizado pelo peso do ghanata. O homem menor foi sacudido como um rato entre as mandíbulas de um cão. Sua cabeça foi golpeada com uma terrível violência sobre a areia. Seus olhos, cobertos por uma nuvem vermelha, viram o rosto feroz do negro e os lábios grossos, que esboçavam um sorriso de ódio.

- Você a quer só para ti, cão branco! – grunhiu o ghanata, enlouquecido pela ira e luxúria – Lhe quebrarei o pescoço! Vou abrir sua garganta! Cortarei sua cabeça e farei essa potra beijá-la!

Depois de golpear a cabeça de Amalric, Tilutan, obedecendo a sua paixão assassina, levantou seu rival pela metade e deixou-o cair mais uma vez sobre a areia com uma força terrível. O negro correu até onde estava sua cimitarra. A arma parecia uma brilhante meia-lua de aço sobre a areia. Com um grito furioso, o negro girou e atacou novamente, empunhando a arma. Amalric, embora ainda aturdido e extenuado pelo tormento que acabava de receber, teve forças para levantar-se e enfrentá-lo.
A faixa de Tilutan havia se soltado durante a luta e uma de suas pontas, que arrastava-se pela areia, amarrou-se a seus pés. Tropeçou, cambaleou e caiu de bruços com os braços estendidos. A cimitarra voou de suas mãos.

Amalric pegou a cimitarra com ambas as mãos e deu um passo para trás. Via muito mal, mas ainda assim distinguiu diante dele o rosto de Tilutan, alterado pela premonição da morte. Abriu a boca para gritar. O negro ficou imóvel, apoiado sobre um joelho e uma mão, como se fosse incapaz de realizar qualquer movimento. Então, a cimitarra caiu sobre ele. Amalric viu vagamente um rosto negro dividido por uma larga linha vermelha, que logo dissipava-se nas sombras. Depois, uma escuridão total o invadiu.
Algo frio e suave acariciava o rosto de Amalric com delicadeza. Sondou às cegas e sentiu uma coisa firme, cálida e suave. Quando sua visão clareou, viu um rosto de traços delicados, emoldurados por uma brilhante cabeleira negra. Olhou sem pronunciar uma só palavra, como que enfeitiçado, devorando cada detalhe dos lábios cheios e

vermelhos, dos olhos cor de violeta e do pescoço de alabastro. Sobressaltou-se ao perceber que a visão falava com uma voz suave e harmoniosa. As palavras eram estranhas, mas mesmo assim estranhamente familiares. Uma mão pequena e branca, que segurava um pedaço úmido de seda, acariciava suavemente seu rosto e sua dolorida cabeça. Ainda atordoado, Amalric ergueu-se e se sentou sobre a areia.

A noite havia caído e o céu estava semeado de estrelas. O camelo ruminava pacientemente. Um cavalo relinchava inquieto. Próximo dali, se via um enorme corpo com a cabeça aberta em meio a uma poça de sangue.

Amalric olhou a jovem, que estava ajoelhada junto a ele e lhe falava com suave acento numa língua desconhecida. Pouco a pouco, começou a entendê-la. Ao lembrar línguas meio esquecidas, que havia aprendido em outros tempos, Amalric se deu conta de que essa era a língua empregada pela classe culta, numa província do sul de Koth.

- Quem é você, garota? – perguntou lentamente, com dificuldade, ao mesmo tempo em que tomava, entre os dedos, uma das mãos da jovem.

- Me chamo Lissa. – respondeu a moça, com um tom harmonioso que soou a Amalric como o canto de um riacho cristalino – Me alegra que tenha recuperado os sentidos. Eu temia que estivesse morto.

- Me salvei por pouco. – sussurrou Amalric, olhando o sinistro vulto de carne e ossos que havia sido Tilutan.

A jovem estremeceu e recusou-se a seguir o olhar de Amalric. Sua mão tremeu, e o homem acreditou ouvir as batidas de seu coração.

- Foi horrível. – murmurou a jovem – Como num pesadelo terrível. Ira..., golpes..., sangue.

- Poderia ter sido pior.

A jovem parecia sensível a qualquer mudança na inflexão da voz, ou na atitude do homem.

Sua mão livre tomou timidamente a de Amalric.

- Não queria lhe ofender. Você foi muito valente em arriscar sua vida por uma desconhecida. Você é nobre como os cavaleiros do norte, sobre os quais li muitas coisas.

Amalric olhou pra ela. Os olhos claros da moça olhavam fixamente os seus, e neles refletia-se um sentimento de admiração. Começou a falar, mas logo mudou de idéia e disse outra coisa:

- O que faz no deserto?

- Venho de Gazal. – respondeu a garota – Eu... fugia. Já não agüentava mais. Mas fazia muito calor, eu estava sozinha e a única coisa que via era areia e mais areia... e um céu

abrasador. A areia queimava meus pés, e minhas sandálias estavam quase em pedaços. Eu tinha muita sede. Meu cantil se esvaziou em seguida. Então, quis regressar a Gazal, mas não sabia que caminho tomar, porque todos me pareciam iguais. Estava terrivelmente assustada e comecei a caminhar pra onde eu supunha estar Gazal. Depois, não me recordo de quase nada. Só de ter corrido até não poder mais.

"Devo ter ficado deitada na areia durante algum tempo... – prosseguiu – Porque não me lembro de ter levantado e ir andando. Finalmente, acreditei ouvir um grito e vi um cavalo que galopava até mim. Então, já não percebi mais nada, até que despertei com a cabeça apoiada sobre os joelhos desse homem que me deu de beber. Logo, houve uma luta e gritos... e, quando tudo acabou, me arrastei até onde lhe dei como morto, e tentei lhe recobrar os sentidos".

- Por quê? – perguntou Amalric.
A jovem hesitou, como se não soubesse o que responder.

- Por quê? – murmurou – Por quê...? Porque você estava ferido e creio... que é o que qualquer pessoa teria feito. Além do mais, me dei conta de que lutaste para proteger-me desses negros. O povo de Gazal sempre disse que os negros são perversos e fazem mal a pessoas indefesas.

- Essa não é uma característica exclusiva dos negros. – murmurou Amalric – Onde está Gazal?

- Não deve estar longe. Caminhei durante um dia inteiro... e logo não sei que distância o negro me fez percorrer, desde que me encontrou. Mas deve ter me encontrado ao entardecer; por isso, digo que Gazal não deve estar muito longe.

- Em que direção?

- Não sei. Quando abandonei a cidade, caminhei para o leste.

- Cidade? – sussurrou Amalric – A um dia de viagem daqui? Achei que só havia areia ao redor de mil léguas.

- Gazal está no deserto. – disse a garota – Está construída entre as palmeiras de um oásis.

Amalric afastou a jovem e ficou de pé, praguejando entre dentes, ao mesmo tempo em que tocava a garganta, cuja pele estava lacerada e ferida em vários lugares. Examinou os negros um por um e comprovou que estavam mortos. Logo, arrastou-os, um por um, para bem longe. Em algum lugar, os chacais uivavam. Voltou ao poço d'água onde se encontrava a moça, e praguejou novamente ao confirmar que só dispunha do negro cavalo de Tilutan e do camelo. Os outros cavalos haviam rompido suas amarras e fugido durante a luta.

Voltou pra junto da jovem e lhe entregou um punhado de tâmaras secas. Ela comeu avidamente, enquanto Amalric examinava-a impaciente.

- Por que fugiu? – perguntou subitamente – Por acaso é uma escrava?

- Em Gazal não há escravos. Oh, eu estava muito entediada! Minha vida era uma eterna monotonia. Eu queria conhecer o mundo exterior. Diga-me, de onde vem?

- Nasci nas montanhas ocidentais da Aquilônia.

A jovem bateu palmas, feito uma menina contente.

- Sei onde fica isso! Eu vi nos mapas. É o país hiboriano mais ocidental, e seu rei é Epeus, o Espadachim.

Amalric teve um calafrio. Levantou a cabeça e olhou a moça.

- Epeus? – perguntou – Mas Epeus morreu há novecentos anos! O nome do atual rei é Vilerus.

- Oh, sem dúvida! – respondeu a jovem, perturbada – Sou uma tola. Claro que Epeus foi rei há novecentos anos, como você diz. Mas me conte..., me conte coisas a respeito do mundo.

- Hah! Isso não é fácil. – respondeu Amalric, sorrindo – Você nunca viajou?

- Esta é a primeira vez que me afasto dos muros de Gazal.

Nesse momento, o olhar de Amalric repousou sobre a curva macia de seus seios. Não lhe interessava em absoluto suas aventuras. E Gazal lhe importava menos ainda.

Amalric começou a falar e logo tomou a jovem nos braços, rudemente, com todos os músculos do corpo em tensão, preparado para rebater a resistência que ela certamente ofereceria. Mas não encontrou a menor resistência. O corpo macio da jovem estava estendido sobre seus joelhos e ela o olhou com surpresa, mas sem temor. Nesse momento, era como uma menina que se entregava a um novo tipo de jogo. Seu olhar direto e franco desconcertou Amalric. Se a moça tivesse chorado, gritado, lutado ou sorrido, ele saberia como tratá-la.

- Mas, em nome de Mitra! Quem diabos é você, garota? – perguntou bruscamente – Não está louca, nem brinca comigo. Seu modo de falar demonstra que não é uma simples camponesa inocente e ignorante. E, no entanto, não sabe nada a respeito do mundo e de seus costumes.

- Sou de Gazal. – respondeu a jovem com tom de desamparo – Se conhecesse Gazal, talvez o compreendesse.

Amalric levantou a moça nos braços e sentou-a sobre a areia. Logo, foi buscar um cobertor que havia na sela de montar e estendeu-o para que ela se deitasse em cima.

- Durma um pouco, Lissa. – disse com tom áspero, por causa dos sentimentos contraditórios que o embargavam – Amanhã, quero conhecer Gazal.

Ao amanhecer, partiram para o oeste. Amalric havia colocado Lissa no camelo e ensinado-a a manter o equilíbrio. A jovem se agarrou ao assento com ambas as mãos, dando a impressão de que jamais tinha visto um camelo. Isto surpreendeu o jovem aquiloniano. Era inacreditável que uma jovem criada no deserto jamais tivesse visto um desses animais, e que até a noite anterior sequer houvesse montado a cavalo.

Amalric havia feito uma espécie de capa para ela. A jovem vestiu-a, sem fazer nenhuma pergunta e sem averiguar de onde vinha... Amalric não lhe disse que a seda, que protegia-a nesse momento, havia coberto a negra pele de seu raptor.
Enquanto cavalgavam, a moça lhe suplicou mais uma vez que lhe contasse algo a respeito do mundo, como se fosse uma menina pedindo que lhe contassem uma história.
- Sei que a Aquilônia está distante deste deserto. – disse – Stygia, as terras de Shem e outros países estão no centro. Por que está aqui, tão longe de sua pátria?
Amalric continuou cavalgando em silêncio, com uma das mãos sobre as rédeas do cavalo. Logo, disse abruptamente:

- Argos e Stygia estão em guerra. Koth complicou as coisas. Os kothianos convenceram Argos a realizar uma invasão simultânea à Stygia. Argos organizou um exército de mercenários que navegou para o sul, ao longo da costa. Ao mesmo tempo, um exército kothiano deveria invadir a Stygia por terra. Eu era um dos mercenários do exército de Argos. Nos encontramos com uma frota stígia, a qual derrotamos e fizemos recuar até Khemi. Tínhamos que ter desembarcado, saqueando a cidade e avançando mais tarde ao longo do rio Styx, mas nosso almirante era um homem cauteloso. Nosso chefe era o príncipe Zapayo da Kova, um zíngaro.

“Continuamos avançando para o sul, até que alcançamos as costas selváticas de Kush. – prosseguiu – Desembarcamos ali e os navios ancoraram, enquanto o exército avançava para o leste, pela fronteira stígia, saqueando e incendiando tudo o que encontrávamos em nosso caminho. Nossa intenção era virar para o norte, em certo lugar, e dali atacar a Stygia, com o objetivo de nos unirmos com os kothianos que desciam do norte.

“Então, tomamos conhecimento de que tínhamos sido traídos. – continuou falando – Koth havia firmado um tratado de paz, separadamente, com os stígios. Um exército stígio avançava para o sul, a fim de interromper nosso caminho, enquanto outro havia nos bloqueado na costa.

“O príncipe Zapayo, levado pelo desespero – continuou –, concebeu a louca idéia de marchar para o leste e contornar a fronteira stígia, para chegar às terras orientais de Shem. Mas o exército do norte nos atacou. Demos meia-volta e batalhamos.

“Lutamos durante todo o dia e conseguimos fazê-los retrocederem até seu acampamento. – acrescentou – Mas, no dia seguinte, o outro exército que nos perseguia, nos atacou do oeste. Pego entre dois fogos, nosso exército foi aniquilado. Poucos conseguiram escapar. Quando caiu a noite, fugi com um cimério chamado Conan..., um homem gigantesco com a força de um touro.

“Cavalgamos para o sul e entramos no deserto, porque não podíamos seguir outra direção. – prosseguiu Amalric – Conan havia estado antes naquele lugar e refletiu que ali poderíamos sobreviver. Bem mais ao sul, encontramos um oásis, mas os cavaleiros stígios nos atacaram. Voltamos a fugir, de oásis a oásis, mortos de fome e sede, até que

encontramos uma terra desconhecida e desabitada, com um sol abrasador e intermináveis dunas de areia. Continuamos cavalgando, até que nossos cavalos cambalearam e nós começamos a delirar.

“Uma noite, vimos umas chamas e nos aproximamos, com a esperança de encontrar amigos. – disse o homem – Assim que fomos vistos, caiu sobre nós uma chuva de flechas. Feriram o cavalo de Conan e o animal empinou furiosamente, derrubando seu dono da sela. Seu pescoço deve ter se quebrado feito um galho, pois ficou imóvel. Fugi como pude na escuridão, mas meu cavalo também morreu. Vi, vagamente, nossos atacantes..., eram altos e magros, com trajes bárbaros.

“Vaguei a pé, através do deserto, e caí no meio daqueles abutres que você viu ontem. – concluiu – Eram chacais... ghanatas, membros de uma tribo de ladrões com sangue misturado: negro e sabe Mitra que outros. Só não me assassinaram porque eu não tinha nada que eles quisessem. Durante um mês, fiquei vagando de um lado a outro e roubando com eles, porque não podia fazer outra coisa”.

- Eu não sabia que a realidade era assim. – murmurou a jovem – Diziam que havia guerras e crueldades no mundo, e a mim tudo isso parecia como um sonho distante. Mas agora, ao lhe ouvir falar de traições e batalhas, parece-me que estou vendo.

- Gazal não tem inimigos? Nunca foram atacados? – perguntou Amalric.

A jovem moveu a cabeça negativamente.

- Os homens não se aproximam de Gazal. Algumas vezes, vi silhuetas negras movendo-se no horizonte, e os anciãos diziam que eram exércitos que iam à guerra, mas jamais aproximaram-se de Gazal.

Amalric sentiu que uma estranha inquietude o invadia. Por aquele deserto, perambulavam as tribos mais ferozes da terra: os ghanatas, que chegavam até bem distante pelo leste; os mascarados tibus, que viviam mais ao sul, e, em algum lugar distante ao sudoeste, o quase mítico império de Tombalku, governado por uma raça selvagem e bárbara. Era estranho que uma cidade situada em meio àquela terra selvagem estivesse tão isolada, a ponto de que um dos seus habitantes nem sequer conhecesse o significado da guerra.

Enquanto olhava em outra direção, estranhas idéias o assaltaram. Por acaso, aquela moça enlouquecera por causa do sol? Seria um demônio em forma de mulher, que chegou ao deserto para conduzi-lo à morte? Amalric a olhou e viu-a agarrada feito uma menina à sela do camelo. Em seguida descartou tais pensamentos. Logo, a dúvida voltou a assaltá-lo. Acaso estaria enfeitiçado? Aquela jovem teria enfeitiçado-o?

Continuaram avançando para o oeste, e só pararam para comer tâmaras e beber água, ao meio-dia. Amalric fez uma espécie de tenda de campanha com sua espada, a bainha e os lençóis, para proteger a jovem do sol intenso. A moça tinha o corpo intumescido pelo movimento do camelo, o que fez Amalric pegá-la nos braços. Quando sentiu, mais uma vez, a voluptuosa doçura de seu corpo, invadiu-lhe uma onda de paixão. Permaneceu imóvel durante uns segundos, como que intoxicado pela proximidade da jovem, e logo deitou-a na sombra da tenda temporária.

Amalric sentiu que a cólera o invadia, quando o olhar ingênuo da garota se encontrou com o seu, e sentiu a docilidade com a qual abandonava o corpo jovem entre seus braços. Parecia ignorar que tudo aquilo pudesse lhe fazer mal. Se sentia terrivelmente envergonhado pela inocência da mulher, que despertava em seu interior uma ira incontrolável.

Amalric não experimentou as tâmaras. Seus olhos ardiam ao contemplarem avidamente cada detalhe do corpo esbelto da jovem. Todavia, ela era inocente e sem consciência, como uma menina. Quando voltou a levantar para sentá-la sobre a sela do camelo, os braços da moça envolveram instintivamente seu pescoço, e Amalric tremeu da cabeça aos pés. Fazendo um violento esforço para conter-se, Amalric colocou-a na sela e continuou a viagem.

Pouco antes do pôr-do-sol, Lissa apontou com uma mão e gritou:

- Veja! As torres de Gazal!

Amalric viu algumas torres e minaretes no horizonte, que se erguiam criando um conjunto de cor verde jade contra o azul do céu. Se não fosse pela moça, pensaria tratar-se de uma miragem. Olhou para Lissa com curiosidade. Ela não demonstrava a alegria natural do retorno. Apenas suspirou fundo e seus esbeltos ombros se inclinaram levemente.

À medida que se aproximavam, viam a cidade com mais nitidez. Da própria areia do deserto, erguia-se a muralha que circundava as torres. Amalric viu que aquela estava semidestruída, assim como as torres. Os telhados estavam quebrados, as pequenas janelas de defesa demasiadamente abertas pela erosão e as pontas das torres, debruçadas. Invadiu-lhe o terror. Seria uma cidade de mortos, para a qual cavalgava, conduzido por um vampiro?

Olhou a garota e tranqüilizou-se. Não podia haver nenhum demônio nesse corpo divinamente moldado. Ela também olhou para ele, mas em seus olhos profundos havia uma expressão interrogativa. Logo fixou o olhar no deserto, e a seguir soltou um profundo suspiro e deu uma olhada na cidade, como se estivesse aprisionada pela fatalidade e pelo desespero.

Através das brechas abertas nas muralhas, Amalric viu umas silhuetas que se moviam dentro da cidade. Ninguém os parou nem os saudou, quando entraram por uma abertura da arruinada muralha e seguiram seu caminho por uma rua larga. Mais de perto, sob o sol poente, a decadência era mais evidente. O capim crescia nas ruas, abrindo caminho por entre as rachaduras do pavimento. Também crescia livremente nas pequenas praças. As ruas e os pátios estavam cheios de escombros. Em alguns locais, limparam-se os restos das casas arruinadas e o lugar havia sido transformado num horto ou jardim. As cúpulas da cidade estavam desbotadas e rachadas. Os portais não tinham portas. Por toda parte se via ruínas.

Amalric viu uma torre em perfeito estado, que brilhava entre as ruínas. Era cilíndrica e erguia-se no extremo sudeste da cidade. O homem apontou naquela direção e perguntou:

- Por que essa torre está em melhores condições que as demais?
Lissa ficou pálida, estremeceu e agarrou-lhe convulsivamente a mão.

- Não fale nela! – sussurrou – Não a olhe... Nem sequer pense nela!

Amalric franziu a testa. As palavras da moça, e o que elas significavam, haviam mudado de alguma forma o aspecto da misteriosa torre. Agora, parecia a cabeça de uma serpente, que erguia-se entre as ruínas e a desolação.

O jovem aquiloniano olhou a seu redor com receio. Por fim, não havia nenhuma garantia de que o povo de Gazal o recebesse amistosamente. Viu gente que avançava pelas ruas com uma estranha calma. Quando pararam para olhá-lo, o cabelo de Amalric se arrepiou. Eram homens e mulheres com rostos amáveis e olhares suaves. Mas seu interesse parecia tão superficial, tão vago e impessoal... Não fizeram o menor movimento para aproximarem-se dele ou falarem com ele. Parecia a coisa mais normal do mundo um cavaleiro armado entrar na cidade, vindo do deserto. No entanto, Amalric sabia que este não era o caso, e a indiferença, com a qual lhe recebiam as pessoas de Gazal, produzia-lhe uma estranha inquietação.

Lissa falou com algumas pessoas, apontando para Amalric e tomando-lhe a mão, como uma menina afetuosa.

- Este é Amalric da Aquilônia, que me resgatou dos negros e me trouxe para casa.

Um murmúrio cortês de boas-vindas partiu dos lábios da gente, e várias pessoas se aproximaram para dar-lhe a mão. Amalric achou que nunca tinha visto rostos tão amáveis, porém tão indiferentes, quase carentes de expressão. Pareciam os olhos de pessoas envoltas em sonhos.

O olhar daqueles indivíduos lhe transmitia uma sensação de irrealidade. Mal prestava atenção ao que diziam. Sua mente estava invadida por estranhos pensamentos. Estaria ele movendo-se no estranho paraíso do lótus? Essa sinistra torre vermelha era assustadora.

Um dos homens, de rosto suave e cabelos prateados, perguntou:

- Aquilônia? O rei Bragorus da Nemédia atacou esse país. Como terminou a guerra?

- Foi derrotado. – respondeu Amalric com um calafrio. Isso havia acontecido há novecentos anos.

O homem não perguntou mais nada e afastou-se. Lissa tomou-lhe a mão. Amalric deu meia-volta e olhou-a com deleite. Nesse mundo de ilusão e sonho, seu corpo macio e firme era como uma âncora. Ela não era um sonho; era real; seu corpo era tangível, e doce como o mel.

- Venha. – disse a moça – Vamos comer e descansar.

- E esta gente? Não pretende contar-lhes suas experiências?

- Só prestariam atenção por um minuto. Escutariam um pouco e depois pensariam em outra coisa. Quase não notaram que saí daqui. Venha!

Amalric conduziu o camelo e o cavalo até um pátio próximo, onde crescia o mato e a água brotava de uma fonte quebrada, e caía numa vasilha de mármore. Amarrou os animais ali. Logo seguiu Lissa. A jovem tomou-lhe uma mão e o levou, através do pátio, até uma porta em forma de arco.

Havia caído a noite e as estrelas cintilavam à distância.

Lissa atravessou uma série de moradias escuras, movendo-se com segurança. Amalric caminhava atrás dela, levado por sua pequena mão. A aventura não lhe era prazerosa. Naquela densa escuridão, havia cheiro de pó e de decadência. Seus pés pisavam lajes quebradas e tapetes desgastados. Sua mão livre tocou umas pinturas descascadas. Através de um teto quebrado brilhavam as estrelas, e pôde ver um salão, no qual pendiam uns tapetes podres que se moviam sob a brisa suave.

A seguir, entraram numa habitação tenuemente iluminada pela luz das estrelas, que penetrava pelas janelas abertas, e Lissa soltou-lhe a mão. A garota tateou na penumbra e logo acendeu uma luz muito fraca. Era uma espécie de globo de cristal, que brilhava com um resplendor dourado. Colocou-o sobre uma mesa de mármore e sinalizou a Amalric para que se reclinasse sobre um divã coberto de seda. Lissa, depois de procurar em cantos escuros, apareceu com uma jarra de vinho e uma bandeja que continha estranhas comidas. Havia tâmaras, mas as demais frutas, pálidas e insípidas, lhe eram desconhecidas. O vinho tinha um sabor agradável, mas não era mais forte que a água.

Sentada sobre uma banqueta de mármore, em frente a ele, Lissa começou a comer delicadamente.

- Que espécie de lugar é este? – perguntou Amalric – Você é como eles e, ao mesmo tempo, diferente.

- Dizem que sou como nossos antepassados. – respondeu Lissa – Chegaram há muito tempo ao deserto e construíram esta cidade em meio a um grande oásis, no qual havia vários mananciais. Utilizaram as pedras de umas ruínas de outra cidade, muito mais antiga... só a Torre Vermelha...

Ao dizer estas últimas palavras, a jovem baixou a voz e olhou inquieta para a janela. logo acrescentou:

- Era a única que estava em pé. Estava vazia... Nossos antepassados, os ghazalis, – continuou – viveram, em outra época, ao sul de Koth. Eram conhecidos por sua sabedoria. Mas tentaram reavivar o culto a Mitra, que os kothianos haviam abandonado há muito tempo, e o rei os expulsou de seus domínios. Então, vieram ao sul, acompanhados de seus escravos shemitas. Muitos deles eram sacerdotes, eruditos, professores e cientistas.

“Construíram Gazal... – prosseguiu a jovem – Mas os escravos se rebelaram logo que a cidade ficou pronta, e fugiram para misturarem-se mais tarde com as tribos do deserto. Não os tratavam mal, mas ouviram uma vez na noite... uma palavra que os impeliu a abandonar a cidade às pressas.

“Meu povo viveu aqui e aprendeu a fazer sua comida e bebida com os poucos recursos de que dispunham. – acrescentou – Sua sabedoria era extraordinária. Quando os escravos fugiram, levaram todos os camelos, jumentos e cavalos. Desse momento em diante, eliminou-se toda comunicação com o mundo exterior. Em Gazal, há muitas moradias cheias de mapas, livros e escritos, mas todos têm pelo menos novecentos anos de idade, que é o tempo que transcorreu desde que meu povo fugiu de Koth. Desde então, nenhum homem de fora pisou em Gazal. O povo está condenado a extinguir-se. Se transformaram em seres tão sonhadores, que perderam até suas paixões e apetites humanos. A cidade desmorona e transforma-se numa decadência, e ninguém faz nada. Horror... quando o horror chegou a eles, puderam fugir nem lutar”.

- O que quer dizer? – perguntou Amalric em voz baixa, sentindo um calafrio.

O sinistro murmúrio, que os tapetes produziam ao mover-se, despertava terrores sombrios em sua alma.

A jovem moveu a cabeça e ficou em pé. Aproximou-se de Amalric e apoiou suas mãos sobre o ombro do aquiloniano. Os olhos da moça estavam úmidos e brilhavam de espanto, enquanto ela abafava um grito em sua garganta. Amalric envolveu-lhe instintivamente a cintura com um braço, e sentiu que Lissa tremia.

- Abrace-me! – exclamou a jovem – Tenho medo! Oh, sonhei tanto com um homem como você! Não sou como meu povo. São mortos que caminham por ruas esquecidas, mas eu estou viva. Sou cálida e tenho sentimentos. Tenho fome e sede, e amo a vida. Não posso viver entre ruas silenciosas, moradias arruinadas e pessoas como as de Gazal, apesar de nunca ter conhecido outra coisa. É por isso que fugi. Desejo viver...

Lissa soluçava incontrolavelmente entre seus braços. Os negros cabelos caíam em suave cascata sobre seu rosto, e seu perfume o atordoava. O firme corpo da jovem apertava o seu. Estava sentada sobre seus joelhos, envolvendo-lhe o pescoço com seus braços. Amalric apertou-a mais contra o peito e beijou-a apaixonadamente na boca, olhos, lábios, bochechas, cabelos, garganta... O jovem aquiloniano encheu todo seu corpo com beijos ardentes, até que os soluços da jovem pararam. Na paixão de Amalric não havia violência. A paixão que batia na jovem explodiu subitamente como uma onda. O globo dourado que os iluminava, empurrado pelos dedos trêmulos de Amalric, caiu ao chão e se apagou. Só a luz das estrelas se infiltrava através das janelas.

Estendida sobre o divã coberto de seda, nos braços de Amalric, Lissa abriu seu coração e lhe contou, sussurrando, seus sonhos, esperanças e aspirações... infantis, patéticas, terríveis.

- Te levarei pra longe daqui. – murmurou Amalric em seu ouvido – Amanhã. Você tem razão. Gazal é uma cidade de mortos. Buscaremos a vida no mundo exterior. É violento, duro, brutal, mas é melhor que esta morte em vida.

Um espantoso grito de dor, horror e desespero rompeu o silêncio da noite. A pele de Amalric cobriu-se de um suor frio. Começou a levantar-se do divã, mas Lissa agarrou-se desesperadamente a ele.

- Não, não! – suplicou – Não vá! Fique!

- Estão assassinando alguém! – exclamou Amalric, buscando sua espada.

Os gritos pareciam vir de um pátio externo. Misturado a eles, ouviu-se um ruído indescritível e dilacerador. Os gritos cresceram até fazerem-se intoleráveis e logo transformaram-se num longo soluço convulsivo.

- Já ouvi gritarem assim homens que morriam no patíbulo. – disse Amalric, estremecendo-se – Que diabos significa isto?

Lissa tremia violentamente, num arroubo de terror. Amalric podia ouvir as fortes batidas de seu peito.

- É o horror do qual lhe falei! O horror que mora na Torre Vermelha. Veio há muito tempo. Alguns dizem que viveu ali durante os anos perdidos, e que regressou depois da construção de Gazal. Devora seres humanos. Ninguém sabe quem é, posto que ninguém o viu, e se o viu, não viveu para contar. É um deus ou um demônio. Foi essa a razão pela qual fugiram os escravos, e o povo do deserto abandonou Gazal. Muitos de nós temos ido parar em seu ventre. Com o tempo, todos acabaremos ali, e logo o monstro governará sobre uma cidade deserta, como dizem que governou em outros tempos, sobre as ruínas da cidade anterior a esta.

- Por que essa gente permaneceu aqui, sabendo que seria devorada?

- Não sei. Sonham...

- Hipnose... – disse Amalric – Hipnose e decadência. Eu vi em seus olhos. Este demônio os hipnotizou. Por Mitra, que segredo mais terrível!

Lissa apoiou a cabeça sobre seu peito e o abraçou com força.

- Mas, o que vamos fazer? – perguntou Amalric.

- Não há nada a ser feito. Sua espada de nada serviria. Talvez não nos faça dano. Esta noite, ele já levou uma vítima. Devemos esperar como cordeiros no matadouro.

- Que o diabo me condene se eu o fizer! – exclamou Amalric, indignado – Não iremos esperar até amanhã. Partiremos esta noite. Prepare um pacote com comida e bebida. Vou buscar o camelo e o cavalo, e os trarei até o pátio lá fora. Te esperarei ali!

Uma vez que o monstro desconhecido já havia atacado, Amalric achou que não seria perigoso deixar a garota sozinha por alguns minutos. No entanto, ao atravessar o corredor escuro e as moradias em ruínas, nas quais pendiam os velhos e sussurrantes tapetes, sentiu um calafrio de terror. Encontrou os dois animais agitando-se nervosamente no pátio onde havia deixado-os. O cavalo relinchou ao farejar sua chegada, como se pressentisse algum perigo na quietude da noite.

Amalric selou e preparou os animais. Logo, levou-os até a rua. Pouco depois, encontrava-se no pátio, iluminado pela luz das estrelas. Ao adentrá-lo, ficou congelado por um grito terrível, que cortou como uma faca o silêncio da noite. Vinha da habitação na qual deixara Lissa.

Amalric respondeu à gritaria com um grito selvagem. Desembainhou a espada, atravessou rapidamente o pátio e saltou, pela janela aberta, para dentro da moradia. O globo dourado brilhava de novo, produzindo sombras negras nos cantos misteriosos. Havia sedas esparramadas pelo chão. A banqueta de mármore estava derrubada. Mas a habitação estava vazia.

Amalric sentiu uma náusea e apoiou-se sobre a mesa de mármore. Seus olhos distinguiam vagamente a luz que havia diante dele. Depois de alguns segundos, sentiu-se invadido por uma fúria incontida. A Torre Vermelha! O monstro levava suas vítimas para lá!

Voltou a cruzar o pátio correndo, atravessou as ruas e correu até a torre, que brilhava com uma luz infernal sob as estrelas. As ruas não eram retas. No caminho, se viu obrigado a cruzar silenciosos edifícios e pátios, cujas plantas moviam-se sob a suave brisa noturna.

Diante dele, apinhadas ao redor da Torre Vermelha, erguia-se uma montanha de ruínas, onde a decadência era mais patética que no resto da cidade. Aparentemente ninguém vivia nelas. Tratava-se de uma massa de escombros que se mantinha em pé milagrosamente, e em meio a elas, erguia-se a Torre Vermelha, como uma flor venenosa que cresce entre dejetos.

Para chegar até a torre, se via obrigado a atravessar aquelas ruínas. Possuído pela ira, Amalric buscou a porta entre a massa negra. Encontrou-a e adentrou-a com a espada desembainhada. Então, viu um espetáculo de pesadelo.

Diante dele havia um longo corredor, tenuemente iluminado. De suas negras paredes pendiam estranhos tapetes com desenhos fantásticos. Ao fundo, viu uma figura que se afastava... era uma figura branca e encurvada que arrastava algo. Ao vê-lo, Amalric ficou ensopado de suor. Então a aparição sumiu, e, com ela, a pouca luz que havia ali. O jovem aquiloniano permaneceu imóvel na escuridão, sem ver nem ouvir nada, pensando somente naquela figura branca e curvada, que arrastava um corpo humano pelo longo e escuro corredor.

Enquanto avançava quase às cegas, uma vaga lembrança apareceu em sua mente: a de uma terrível lenda que lhe havia contado um bruxo negro na porta de sua cabana, junto a uma fogueira... Era a lenda de um deus que morava numa casa intensamente vermelha, numa cidade em ruínas..., um deus adorado nas selvas e nas margens dos rios através de

cultos esotéricos. E, nesse momento, recordou também a palavra mágica que o bruxo havia murmurado aquela noite a seu ouvido, enquanto ele prendia a respiração, os leões paravam de rugir ao longo do rio e as folhas das árvores ficaram imóveis nos galhos.

“Ollam-onga”, sussurrou um vento escuro no corredor escuro. “Ollam-onga”, sussurrou também a poeira que calcava seus pés. O suor cobriu-lhe o corpo e a espada tremeu em sua mão. Acabava de entrar na casa de um deus, e o medo havia dominado-o. A casa do deus... sentiu-se incomodado pelo terror. Invadiram-lhe todos os medos ancestrais evocados por sua memória racial. Se sentiu enojado por um horror cósmico... inumano. Estava apavorado pela consciência de sua débil humanidade. Continuou avançando na escuridão, horrorizado pela casa do deus.

A seu redor, brilhava uma luz tão tênue, que mal se sentia. Sabia que estava aproximando-se da torre. Rapidamente, atravessou uma porta em forma de arco e tropeçou nuns largos degraus irregulares. Subiu-os lentamente e, enquanto ia ascendendo, a terrível fúria, que constitui a defesa da humanidade contra o diabólico e contra as forças hostis do universo, voltou a surgir nele. Esqueceu completamente seu medo. Subiu, ardendo de impaciência, na escuridão, até que chegou numa habitação iluminada por um estranho resplendor dourado.

No extremo mais afastado da moradia, havia um curto lance de escadas que conduzia a uma espécie de estrado ou plataforma, onde havia alguns objetos de pedra. Em cima do estrado, jaziam os restos da vítima, da qual pendia um dos braços sobre os degraus de mármore, manchados de sangue ressecado e salpicados de gotas frescas, úmidas e brilhantes.

Diante de Amalric, ao pé daqueles degraus, havia uma figura branca e nua. O jovem se deteve com a língua pregada ao céu da boca. Tratava-se de um homem branco, que o olhava fixamente, com seus poderosos braços cruzados sobre um peito de alabastro. Seus olhos eram como bolas de fogo, nas quais Amalric viu sombras sinistras e infernais. Depois, a figura começou a esfumaçar-se e perder seu contorno. Fazendo um esforço titânico, o aquiloniano rompeu as amarras do silêncio e pronunciou em voz alta a palavra mágica. Quando a temível palavra rompeu o silêncio, o gigante branco se deteve... paralisado. Seu contorno tornou-se mais visível e nítido contra o fundo de luz dourada.

- Agora morra, maldito! – gritou Amalric, histérico – Ordeno que volte à sua forma humana! O bruxo negro disse a verdade! Me deu a palavra-chave! Morra, Ollam-onga! Até que se rompa sua envoltura diabólica! É um homem como eu!

Com um rugido que ressoou como uma lufada de vento, a estranha criatura atacou. Amalric saltou para um lado, esquivando-se daquelas garras, cuja força era superior à de um tufão. No entanto, uma mão do monstro conseguiu rasgar sua túnica, que transformou-se num farrapo. Mas Amalric, paradoxalmente, redobrou sua rapidez, girou sobre seus calcanhares e cravou-lhe o sabre nas costas, atravessando-lhe o peito.

Um grito de dor sacudiu a torre. O monstro se revirou para atacar Amalric, mas o jovem voltou a saltar de lado e subiu velozmente as escadas que conduziam à plataforma. Uma vez ali, pegou uma cadeira de mármore, virou-se e arremessou-a contra a coisa que subia pelas escadas. A pesada cadeira atingiu o monstro na cara e o derrubou escada

abaixo. Logo se levantou. Seu aspecto era ainda mais terrível que antes. Jorrando sangue por todas as partes, tentou subir novamente as escadas. Amalric levantou um banco de jade, com incrível esforço, e o arremessou com as poucas forças que lhe sobravam.

Ollam-onga caiu para trás sob o impacto, e ficou estendido entre fragmentos de mármore encharcados de sangue. Fazendo um último esforço desesperado, conseguiu colocar-se de joelhos, com os olhos vitrificados e, lançando a cabeça para trás, lançou um grito pavoroso.

Amalric estremeceu-se ao ouvir esse alarido, que foi respondido. De algum ponto do ar, por cima da torre, desceu um clamor de estranhos gritos que vibraram com mil ecos. Então, a figura branca caiu definitivamente entre os mármores manchados de sangue, e Amalric soube que um dos deuses de Kush havia desaparecido. Ao dar-se conta disso, invadiu-lhe um terror cego e irracional.

Desceu os degraus do estrado, tomado pelo pânico, e afastou-se da coisa, que jazia no chão e que parecia fitá-lo com olhos arregalados. Teve a sensação de que a noite gritava contra ele pelo sacrilégio cometido, e sentiu um horror cósmico. Quando chegou ao fim da escada, parou repentinamente. Lissa correu da escuridão até ele, com os braços estendidos e uma expressão de pavor nos olhos.

- Amalric! – gritou ela, atirando-se em seus braços – Eu vi! Eu o vi, arrastando um homem morto pelo corredor. Gritei e fugi. Então, quando voltei, lhe ouvi gritar e percebi que tinha ido buscar-me na Torre Vermelha.

- E agora veio compartilhar meu destino. – respondeu Amalric, com uma voz pouco audível.

A seguir, quando a jovem tentou olhar, fascinada, o que havia atrás dele, Amalric tapou-lhe os olhos com a mão e fê-la dar meia-volta. Era melhor que não contemplasse o que havia no chão. Pegou sua túnica rasgada, mas não se atreveu a tocar em sua espada. Quando conduzia Lissa pelas escadas escuras, um olhar para trás o convenceu de que, entre os fragmentos de mármore ensangüentado, já não jazia a desnuda figura branca. A palavra mágica fizera Ollam-onga adotar sua forma humana em vida, mas não morto! Uma cegueira momentânea ofuscou Amalric e logo, estimulado por uma pressa repentina, obrigou a jovem a descer rapidamente as escadas que levavam às ruínas do exterior.

Amalric não reduziu a velocidade de sua marcha, até que os dois alcançassem a rua, onde esperavam-lhes o camelo e o cavalo. Colocou rapidamente a jovem sobre o camelo e saltou sobre a sela de seu negro corcel. Pegou as rédeas e se dirigiu até a muralha em ruínas. Depois respirou fundo. O ar puro do deserto refrescou-lhe o sangue, que havia se livrado do aroma de decadência e de espantosa antiguidade que havia entre as ruínas.

De sua sela, pendia um pequeno odre de água. Não tinham comida, e sua espada havia ficado dentro da Torre Vermelha. Enfrentavam o deserto sem comida e sem armas, mas os perigos deste lhes pareciam menos terríveis que o horror da cidade que deixavam. Cavalgaram para o sul, sem pronunciar uma só palavra. Nessa direção, em algum ponto ignorado, havia um poço de água. Ao amanhecer, quando subiam uma duna de areia,

Amalric olhou para trás, em direção a Gazal, que tinha um aspecto irreal sob a luz rosada do amanhecer. O jovem esticou todos os músculos do corpo e Lissa lançou um grito. Por uma larga abertura das muralhas saíam sete cavaleiros. Seus cavalos eram negros, e os homens estavam vestidos de negro da cabeça aos pés. Em Gazal não havia cavalos. O horror tomou conta de Amalric. Voltou-se e esporeou os animais.

O sol ficou vermelho, mais tarde coloriu-se de dourado e, finalmente, transformou-se numa bola de fogo, quase branca. Os fugitivos continuavam indo adiante, lutando contra o cansaço e o calor, cegos pelo reflexo do sol na areia. E atrás deles, avançando constantemente, cavalgavam as sete manchas negras.

Pouco a pouco, foi caindo a tarde. O sol voltou a avermelhar-se e começou a descer para o horizonte.

Amalric se sentiu inquieto. Os cavaleiros se aproximavam.

À medida que a escuridão se aproximava, também se aproximavam os perseguidores. Amalric olhou Lissa e abafou uma exclamação, ao ver que seu cavalo cambaleava e caía de joelhos. O sol havia se posto e a lua ficou subitamente oculta por uma sombra em forma de morcego. As estrelas brilhavam com tons avermelhados na escuridão, e Amalric ouviu um forte sussurro atrás deles, como de um vento terrível. Umas asas negras como a noite e um bico curvo, sobre o qual brilhavam dois pontos fosforescentes, se aproximaram tanto, que Amalric gritou desesperadamente à garota:

- Siga, Lissa! Continue! Salve-se! É a mim que eles querem capturar!

Como resposta, a moça deslizou, do lombo do camelo à terra, e o envolveu com seus braços.

- Morrerei com você!

Sete sombras se recortaram contra o céu estrelado, cavalgando como o vento. Sob seus capuzes, cintilavam as faíscas de um fogo infernal. Suas mandíbulas sem carne batiam sinistramente.

Então houve uma interrupção. Um cavalo passou como um sopro junto a Amalric, como uma forma sem sombra naquela estranha escuridão. Soou um forte impacto, quando o animal atacou as sombras que se aproximavam. Um cavalo relinchou freneticamente e uma voz, que parecia um bramido de touro, gritou numa língua estranha. De algum lugar, respondeu um clamor de gritos.

Algo estava acontecendo. Os cascos dos cavalos soavam estrondosamente sobre a areia. Houve um ruído de golpes selvagens, e a mesma voz de antes praguejou várias vezes. Então, a lua surgiu repentinamente e iluminou uma cena fantástica.

Um homem, montado num gigantesco cavalo, lutava freneticamente, acertando terríveis golpes, aparentemente no ar. De outra direção, chegou uma horda selvagem de cavaleiros, cujas espadas curvas brilhavam à luz da lua. Mais distante, do alto de uma duna, se desvaneciam sete figuras negras com suas capas flutuantes ao vento, como se fossem asas de morcego.

Amalric foi cercado imediatamente por uns homens de aspecto selvagem, que saltaram de seus cavalos e aproximaram-se dele. Vários braços puseram-no de pé, segurando-o firmemente. Uns rostos aquilinos aproximaram-se do seu. Lissa gritou.

Então, os atacantes se afastaram à direita e esquerda, para abrir caminho ao homem que montava o enorme cavalo. Este se inclinou um pouco da sela para olhar Amalric.

- Diabos! – gritou – Amalric, o aquiloniano!

- Conan! – exclamou por sua vez Amalric, terrivelmente surpreso – Conan! Vivo!

- Mais vivo que você. – respondeu o cimério – Por Crom, amigo! Parece que foi perseguido durante toda a noite pelos demônios deste deserto. Quem eram esses que lhe perseguiam? Estava cavalgando pelos arredores do acampamento que meus homens montaram, para comprovar que não havia inimigos por aqui, quando de repente a lua sumiu e ouvi os cascos dos cavalos. Corri até eles e, por Macha, me encontrei entre esses demônios, quase sem me dar conta! Tinha a espada na mão e comecei a atacar a torto e a direito... Por Crom, seus olhos brilhavam como o fogo do inferno! Sei que minha espada os feriu, mas logo a lua voltou, e desapareceram como uma lufada de vento. Eram homens ou diabos?

- Demônios enviados pelo inferno. – respondeu Amalric com um estremecimento – Não me pergunte... há coisas das quais não se deve falar.

Conan não fez mais perguntas. Não parecia incrédulo. Entre suas crenças incluíam-se demônios, fantasmas, gnomos e todo tipo de bruxarias.

- Vejo que encontrou uma mulher, até em pleno deserto. – disse o cimério, olhando Lissa.

A jovem chegara perto de Amalric e apertou-se temerosa contra ele.

- Vinho! – rugiu Conan – Tragam vinho!

Tomou um dos odres de couro que acabavam de arremessar-lhe e entregou-o a Amalric.

- Dê um gole à moça e beba você também. – aconselhou – Logo os colocaremos sobre os cavalos e os levaremos ao acampamento. É evidente que precisa comer, descansar e dormir.

Trouxeram um cavalo luxuosamente enfeitado. Várias mãos ergueram Amalric sobre a sela e fizeram o mesmo com a jovem. Logo avançaram para o sul, rodeados pelos peludos e escuros cavaleiros, adornados de forma pitoresca. Muitos deles usavam lenços na cabeça, com os quais cobriam seus rostos até a altura dos olhos.

- Quem é esse homem? – perguntou Lissa, envolvendo com seus braços o pescoço de seu amante, que a sustentava na sela diante dele.

- Conan, o cimério. – sussurrou Amalric – O homem com o qual errei pelo deserto, depois da derrota dos mercenários. Os que o acompanham são os que o derrubaram. Abandonei-o meio morto pelas flechas e agora o encontramos no comando desta gente que, ao que parece, o respeita muito.

- É um homem terrível. – murmurou a jovem. Amalric sorriu.

- Suponho que jamais viu um bárbaro branco. É andarilho e guerreiro por natureza. Além disso, é um homem que se atém a um particularíssimo código moral. Não creio que tenhamos nada a temer dele.

No entanto, em seu íntimo, Amalric não estava excessivamente seguro deste último item. Em certo sentido, se podia dizer que ele havia traído Conan ao fugir, deixando o cimério desacordado sobre a areia. Mas, naquele momento, ignorava que Conan ainda vivia. A dúvida invadiu Amalric. Selvagemente leal a seus companheiros, o rude cimério não via nenhum motivo pelo qual o resto do mundo não devesse ser saqueado. Vivia segundo a lei da espada. Amalric sentiu um calafrio, ao pensar no que poderia acontecer se Conan desejasse Lissa.

Mais tarde, depois de comer e beber no acampamento dos cavaleiros, Amalric sentou-se junto à fogueira diante da tenda de Conan. Lissa, coberta com uma capa de seda, apoiava sua cabeça sobre os joelhos de seu amante. Em frente a este, a luz do fogo lançava sombras sobre o rosto do gigantesco cimério.

- Quem são esses homens? – perguntou o jovem aquiloniano.

- Os cavaleiros de Tombalku. – respondeu o cimério.

- Tombalku! – exclamou Amalric – Então não é nenhum mito!

- Não! – disse Conan – Quando meu maldito cavalo caiu, perdi a consciência e, ao recobrar os sentidos, vi que estes diabos haviam atado meus pés e mãos. Fiquei furioso e rompi várias das grossas cordas com as quais me amarraram, mas estes homens voltavam a me atar com a mesma rapidez com a qual eu me libertava, até o ponto de, em nenhum momento, ter uma mão livre. No entanto, minha força física lhes pareceu realmente extraordinária...

Amalric olhou Conan, sem pronunciar uma só palavra. O cimério era tão alto e forte quanto Tilutan, mas não gordo, como este. Não havia dúvida alguma de que Conan poderia partir o pescoço do ghanata com as mãos.

- Decidiram me levar à cidade deles, em vez de me matarem no ato. – disse Conan – Acreditaram que um homem como eu devia morrer torturado lentamente, para que se divertissem. Então, me amarraram a um cavalo sem sela e nos dirigimos a Tombalku.

“Há dois reis em Tombalku. – prosseguiu o cimério – Me levaram perante eles..., um tipo magro e negro como a pele do diabo, chamado Zehbeh, e outro negro, gordo, que dormitava em seu trono de marfim. Zehbeh perguntou a um sacerdote negro chamado Daura o que fazer comigo, e este lançou uns dados feitos com ossos de cordeiro e disse

que deviam me esfolar vivo diante do altar de Jhil. Então, todos gritaram de alegria e o rei negro despertou.

“Cuspi e amaldiçoei Daura e os reis. – acrescentou – Disse-lhes que, se supunham me esfolar vivo, por Crom, eu antes queria beber um gole de vinho, e os amaldiçoava de ladrões, covardes e filhos de cadelas.

“Então, o rei negro se ergueu e me fitou. “Amra!”, gritou. O reconheci de imediato. Era Sakumbe, um suba da Costa Negra, um gordo aventureiro a quem conheci em meus tempos de pirata, por aquelas costas. Ele traficava marfim, ouro em pó e escravos e era mui capaz de enganar o próprio demônio, se quisesse. Quando se deu conta de quem eu era, o velho diabo desceu do trono, me abraçou com alegria e depois ele mesmo me retirou as amarras. A seguir, anunciou pomposamente que eu era Amra, O Leão, seu amigo, e que, portanto, ninguém deveria me fazer mal.

“Depois, houve tremendas discussões, porque Zehbeh e Daura queriam meu couro. – continuou Conan – Mas Sakumbe gritou por seu bruxo, Askia, o qual se apresentou rapidamente, cheio de plumas, chocalhos e peles de cobra. Se tratava de um bruxo da Costa Negra e um filho do demônio como poucos.

“Askia começou suas danças e encantamentos, e anunciou que Sakumbe era o eleito de Ajujo, O Negro, e que o que ele dizia era a única verdade. – prosseguiu o cimério – Todos os negros de Tombalku o aclamaram e Zehbeh foi desacreditado.

“Os negros de Tombalku representam ali o autêntico poder. – disse Conan – Há vários séculos, os aphakis, um povo shemita, avançaram até o deserto do sul e estabeleceram o reino de Tombalku. Se misturaram com os negros e o resultado foi uma raça morena de cabelos lisos, mais branca que negra, que domina Tombalku. Mas são minoria, e sempre há um rei de sangue puro ocupando o trono junto ao governante aphaki.

“Os aphakis conquistaram os nômades do deserto sudoeste e as tribos negras das estepes, que habitam mais ao sul. – prosseguiu o bárbaro – A maior parte destes cavaleiros, por exemplo, são tibus, gente de sangue misturado entre stígios e negros. Outros são bagirmis, mandingos, dongalas e bornus.

“Sakumbe, através de Askia, é o verdadeiro governante de Tombalku. – continuou dizendo o cimério – Os aphakis adoram Jhil, mas os negros veneram Ajujo, O Negro. Askia chegou a Tombalku com Sakumbe e reivindicou a adoração de Ajujo, que estava desaparecendo por culpa dos sacerdotes aphakis. Sakumbe também tem um culto privado, e adora a deuses desconhecidos e abomináveis. Askia se dedicava à magia negra e, através dela, venceu os aphakis. Os negros o aclamaram como profeta enviado pelos deuses de pele escura. Sakumbe e Askia estão prosperando e ganhando a estima de todos, enquanto Zehbeh e Daura perdem poder.

“Como sou amigo de Sakumbe, e Askia falou em meu favor, os negros me receberam com grandes aplausos. – acrescentou – Sakumbe fez envenenar Kordofo, o general da cavalaria, e me concedeu seu posto, o que agradou aos negros e exasperou os aphakis.

“Você vai gostar de Tombalku! – concluiu o cimério – É uma cidade feita para homens como você e eu. Há uma meia-dúzia de grupos poderosos que tramam uns contra os

outros. Criam-se constantes brigas nas tabernas e nas ruas, assassinatos secretos, mutilações e execuções. E há mulheres, ouro, vinho... e tudo o que um mercenário pode querer! Por Crom, Amalric, você não podia ter chegado em melhor hora! Mas, o que houve?! Não parece tão entusiasmado com estas coisas como antes".

- Desculpe, Conan. – disse Amalric – Não é que eu não tenha interesse, mas o cansaço e a falta de sono me dominam.

Todavia, não era no ouro, mulheres e intrigas em que o aquiloniano pensava, mas na moça que dormia sobre seus joelhos. Não era nada agradável a idéia de colocá-la em tal rede de intrigas e sangue, como a que Conan descrevia. Amalric havia mudado sutilmente, até o ponto de nem ele próprio se dar conta disso. Acrescentou, com enorme cuidado:

- Acaba de salvar nossas vidas, e estou-lhe muito agradecido por isso. Mas não tenho nenhum direito à sua generosidade, posto que fugi a cavalo e deixei que os aphakis lhe capturassem. Na verdade, pensei que você tivesse morrido e...

Conan jogou a cabeça para trás e soltou uma sonora gargalhada. Logo deu uma palmada nas costas do jovem, com tanta força que quase o fez rolar pelo chão.

- Esqueça isso! Claro que, naquele momento, você estava assustado, e sabe que os aphakis teriam lhe atravessado feito uma rã, se tivesse tentado me resgatar. Venha conosco a Tombalku. Lá, você será útil. Você comandou uma tropa de cavaleiros zapayos, não foi?

- Sim.

- Bem, eu preciso de um ajudante que oriente meus rapazes. Lutam como feras, quando chega a ocasião, mas o fazem cada um por sua conta. Entre nós, Amalric, creio que podemos transformá-los em bons soldados. Mais vinho!

Passaram-se três dias desde que encontraram Amalric, até que os cavaleiros de Tombalku se aproximaram da capital. O jovem aquiloniano cavalgava diante da coluna junto a Conan, e Lissa viajava sobre uma égua, atrás de Amalric. Atrás deles, trotava a companhia, formada em fila dupla. A maior parte dos cavaleiros eram tibus, mas também havia contingentes de outras tribos do deserto. As alvas túnicas dos cavaleiros flutuavam ao vento, enquanto o sol do entardecer lançava brilhos avermelhados às pontas de suas lanças.

Todos falavam, além de seus dialetos locais, o simplificado dialeto shemita que servia de língua comum aos povos de pele escura, de Kush até Zimbabo e da Stygia até o reino quase mítico dos atlaianos, situado muito mais ao sul. Muitos séculos antes, os comerciantes shemitas haviam unido aquela vasta área, através de suas rotas comerciais, e também haviam difundido sua língua e seus produtos. Amalric conhecia o Shemita bem o bastante para comunicar-se com os ferozes guerreiros daquelas terras.

Quando o sol escondeu-se no horizonte como uma enorme gota de sangue, apareceram uns pontos luminosos diante dos olhos dos cavaleiros. O terreno se inclinava suavemente diante deles e logo voltava a nivelar-se. Sobre a planície, erguia-se uma grande cidade com casas baixas. Estavam construídas com tijolos de cor ocre, pelo que a primeira impressão de Amalric foi a de que o enorme conjunto de moradias era uma formação natural de terra e de rochas..., um conjunto de bambuais e desfiladeiros... e não uma cidade.

Ao pé da suave colina, erguia-se uma grossa muralha de tijolos, sobre a qual despontavam algumas casas. As luzes brilhavam num espaço aberto no centro da cidade, da qual chegava um estranho clamor, enfraquecido pela distância.

- Tombalku! – disse Conan, inclinando a cabeça pra um lado, para escutar com atenção – Por Crom! Algo está acontecendo. É melhor nos apressarmos.

O cimério esporeou seu cavalo. A coluna começou a galopar imediatamente atrás dele.

Tombalku estava situada sobre um rochedo em forma de cunha, entre hortos de palmeiras e mimosas. O rochedo dava na curva de um rio pouco caudaloso, onde se refletia o azul-escuro do céu do entardecer. Além do rio, a terra se estendia como um verde manto de capim.

- Que rio é esse? – perguntou Amalric.

- O Jeluba. – respondeu Conan – Daqui flui para o leste. Alguns dizem que atravessa Darfar e Keshan para unir-se ao Rio Styx, e outros asseguram que gira para o sul e desemboca no Zarkheba. Talvez algum dia, eu siga seu curso para saber a verdade.

As enormes portas de madeira permaneceram abertas enquanto a coluna entrou na cidade. No interior, alguns homens vestidos de branco moviam-se pelas ruas estreitas. Atrás dos homens brancos, os demais cavaleiros saudavam em voz alta os amigos e conhecidos, e gabavam-se de suas façanhas.

Conan virou-se sobre sua sela e deu uma ordem a um guerreiro de pele escura, que imediatamente conduziu a coluna para seus quartéis. O cimério, seguido por Amalric e Lissa, dirigiu-se apressadamente à praça central.

Tombalku despertava de sua sesta. Por todos os lugares, se via homens de pele escura vestidos de branco, caminhando sobre a areia que cobria as ruas. Amalric se surpreendeu com o tamanho daquela metrópole do deserto, assim como com a incongruente mistura de civilização e barbárie que se observava em todas as partes. Nos espaçosos pátios dos templos, dançavam e sacudiam seus sagrados ossos uns bruxos pintados e adornados com plumas, enquanto uns sacerdotes lúgubres entoavam os cantos de sua raça e, em outros lugares, filósofos de pele escura discutiam sobre a natureza do homem e dos deuses.

Ao se aproximarem da praça central, os três cavaleiros se encontraram com muito mais pessoas que corriam na mesma direção. Quando a rua encheu-se de gente, Conan começou a rugir ordens para que abrissem caminho aos cavalos.

Desmontaram na praça, e Conan entregou as rédeas dos cavalos a um homem que escolheu na multidão. Logo, o cimério abriu caminho para os tronos que se erguiam na extremidade mais afastada da praça. Lissa pegou Amalric pelo braço e seguiram Conan de perto.

Ao redor da praça, havia regimentos de lanceiros negros formando um quadrado. O fogo iluminava as esquinas do lugar, e sua luz dourada refletia-se nos escudos ovalados de pele de elefante, nas lâminas de aço das lanças e nas penas de avestruz de seus enfeites. Os olhos dos homens cintilavam e suas brancas dentaduras faiscavam em seus rostos escuros.

No centro do quadrado formado pelas tropas, havia um homem atado a um poste. Vestia apenas uma tanga. Era corpulento e musculoso, tinha a pele escura e uma cabeça enorme. Fazia terríveis esforços para livrar-se de suas amarras, enquanto diante dele dançava um indivíduo delgado, de aspecto fantástico. Este era negro, mas a maior parte de sua pele estava pintada. Em sua cabeça raspada havia um crânio pintado. Seus múltiplos adornos de plumas e de pele de macaco agitavam-se, enquanto o homem bailava freneticamente diante de um pequeno tripé, sob o qual ardia um fogo do qual ascendia ao céu uma suave nuvem em forma de espiral.

Além do poste, de um lado do quadrilátero, erguiam-se dois tronos de gesso e tijolo pintado, adornados com vidros coloridos, cujos braços eram feitos com dentes inteiros de elefante. Os tronos ficavam sobre um estrado, ao qual se chegava subindo alguns degraus. No que estava à direita de Amalric, havia um enorme indivíduo negro. O homem vestia uma longa túnica branca e, em sua cabeça, usava um estranho e complicado adorno, com várias penas de avestruz e um crânio de leão.

O trono ao lado estava vazio, mas o homem que devia ocupá-lo estava de pé, junto ao outro. Tratava-se de um indivíduo delgado, com rosto aquilino e pele escura; também vestia uma túnica branca, mas usava na cabeça um turbante cheio de pedras preciosas. O homem magro agitava o punho diante do nariz do gordo, ao mesmo tempo em que gritava, enquanto um grupo de guardas observava, contrariado, a discussão de seus dois reis.

Quando Amalric, que seguia Conan, se aproximou mais, ouviu o que o rei mais magro dizia:

- Mentira! O próprio Askia enviou essas serpentes de presente, como você chama, a fim de dar uma desculpa para assassinar Daura. Se não parar com isso, haverá guerra. Lhe mataremos pouco a pouco, negro selvagem!

Houve um breve silêncio e o homem magro acrescentou, erguendo o tom de voz:

- Faça o que eu lhe digo! Detenha Askia ou, do contrário, lhe juro por Jhil, O Cruel...

O homem levou a mão à cimitarra. Os guardas do trono levantaram suas lanças. Mas o rei negro pôs-se a rir diante do rosto enfurecido que se inclinava diante dele.
Conan, depois de ter afastado os lanceiros, subiu os degraus de tijolo do estrado e colocou-se entre os dois monarcas.

- Será melhor que afaste a mão dessa espada, Zehbeh. – disse, com um grunhido, enquanto virava-se para o outro – O que está acontecendo, Sakumbe?

O rei negro sorriu ironicamente.

- Daura quis desfazer-se de mim e me enviou umas serpentes de presente. Hah! Havia víboras em minha cama, entre minhas roupas, e outras se deixavam cair das vigas do teto. Três de minhas mulheres morreram por causa das mordidas, além de vários escravos e ajudantes. Askia soube por adivinhação que o culpado era Daura, e meus homens surpreenderam-no em meio a seus rituais mágicos. Olhe pra ali, general Conan: Askia acaba de sacrificar a cabra. Seus demônios chegarão de uma hora para outra.

Amalric seguiu o olhar de Conan e dirigiu os olhos para a vítima amarrada ao poste, diante do qual expirava a cabra. Askia estava muito próximo do clímax de sua magia. Sua voz adquiriu um tom agudo, quando começou a dar saltos e a fazer soar seus ossos. A fumaça do tripé cresceu e formou uma retorcida coluna, até que repentinamente começou a brilhar com uma luz própria.

Já era noite cerrada. As estrelas, que haviam começado a brilhar no ar puro do deserto, se tornaram opacas e avermelhadas; um véu de cor muito vermelha parecia ocultar o rosto da lua. Os fogos ardiam debilmente. Do alto, chegava um rumor de palavras desconhecidas para os humanos. Logo ouviu-se um som semelhante ao bater de asas.

Askia permaneceu rígido e imóvel, com ambos os braços estendidos e a cabeça emplumada jogada para trás, enquanto pronunciava palavras mágicas e estranhos nomes. O cabelo de Amalric se arrepiou, já que, entre aquele jorro de sílabas incoerentes, ouviu três vezes o nome de Ollam-onga.

Então, Daura gritou com tanta força que silenciou as palavras de Askia. Devido à oscilante luz do fogo, Amalric não podia ver com clareza. Algo parecia estar ocorrendo a Daura, que lutava e gritava desesperadamente.

Ao redor da base do poste ao qual o bruxo estava atado, se viu de repente uma poça de sangue que se ampliava. No corpo do homem apareceram uns terríveis ferimentos, embora fosse impossível perceber o que os provocava. Os gritos de Daura transformaram-se num débil soluço e, por fim, pararam completamente; mas o homem continuava movendo-se no poste, como se alguma presença invisível o arrastasse com força. Logo apareceu um débil resplendor branco na massa negra que havia sido Daura. Logo houve outro e mais outro. Amalric percebeu, horrorizado, que aquelas pinceladas brancas eram ossos...

A lua recuperou seu habitual brilho prateado. As estrelas brilharam mais uma vez, como pedras preciosas. Os fogos, acesos no centro do quadrado formado pelas tropas, brilharam mais intensamente. A luz iluminou o esqueleto, atado ao poste em meio a uma poça de sangue. O rei falou em voz alta, com tom harmonioso:

- Daura já pagou. E quanto a Zehbeh... Pelos narizes de Ajujo! Aonde se meteu esse vilão?

Zehbeh havia desaparecido, enquanto todos contemplavam aquela dramática cena.

- Conan... – disse Sakumbe – É melhor chamar os regimentos, pois não creio que meu rei-irmão desperdice a oportunidade esta noite.

Conan empurrou Amalric diante de si e disse:

- Rei Sakumbe, este é Amalric, o aquiloniano, que em outra época foi meu companheiro de armas. Preciso dele como ajudante. Amalric, é melhor você e sua mulher permanecerem com o rei, já que não conhecem a cidade e provavelmente seriam mortos se tentassem juntar-se à luta que vai estourar.

- Me alegra muito conhecer um amigo do poderoso Amra. – disse Sakumbe – Que conste na folha de pagamento, Conan, e que treine os guerreiros... por Derketo, esse cão não perdeu tempo! Veja!

Naquele momento, ouviu-se um clamor no extremo mais afastado da praça. Conan pulou do estrado ao chão e começou a dar ordens aos chefes dos regimentos negros. À distância, se ouvia o rufar dos tambores. De uma esquina da praça, apareceu um grupo de cavaleiros vestidos de branco, que atacaram com lanças e cimitarras aos negros que haviam diante deles. Diante do repentino ataque, as linhas de lanceiros romperam as filas e transformaram-se em grupos desorganizados. Um após outro, foram caindo sob o aço. A guarda real de Sakumbe circundou o estrado de dois tronos, um vazio e o outro ocupado pelo enorme corpo do rei negro. Lissa, tremendo, apertou o braço de Amalric.

- Quem luta contra quem? – perguntou atemorizada

- Esses são os aphakis de Zehbeh... – respondeu Amalric – que tentam assassinar este rei negro para que Zehbeh seja o único governante.

- Poderão chegar até o trono? – voltou a perguntar a jovem, apontando com a mão a massa de figuras negras que lutavam do outro lado da praça.

Amalric encolheu os ombros e olhou para Sakumbe. O rei negro continuava sentado em seu trono, sem se preocupar demais com o que ocorria. Levou uma taça de ouro aos lábios e bebeu um gole de vinho. Logo entregou a Amalric uma taça parecida com a sua.

- Deve estar com sede, homem branco, depois de fazer uma viagem tão longa, sem tempo para se lavar ou descansar. Beba um trago!

Amalric compartilhou a bebida com Lissa. Do lugar mais distante da praça, chegava até eles o clamor da luta feroz. Levantando a voz para que o ouvissem bem, Amalric disse:

- Sua Majestade deve ser muito valente para estar tão pouco preocupado, ou do contrário muito...

Amalric interrompeu-se sem poder terminar a frase.

- Ou muito estúpido, quer dizer, não é verdade?

O rei pôs-se a rir e acrescentou:

- Não, sou simplesmente realista. Estou gordo demais para correr. Além do mais, se eu correr, minha gente vai pensar que tudo está perdido e fugirá, deixando que meus perseguidores me capturem. Enquanto eu permanecer aqui, há uma boa chance de... Ah, aí vêm eles!

Naquele momento, chegaram mais guerreiros negros, que se incorporaram à batalha. A força montada aphaki começou a ceder. Os cavalos empinavam e derrubavam seus cavaleiros, e estes eram arrancados de suas selas por fortes braços negros ou derrubados pelo impacto certeiro de dardos. De repente soou um trompete. Os aphakis restantes fizeram seus cavalos darem meia-volta, e saíram da praça a todo galope. A luta foi se acalmando.

Então, reinou o silêncio, quebrado apenas pelos lamentos dos feridos, cujos corpos cobriam quase todo o chão da praça. Muitas mulheres negras começaram a sair das ruas laterais para procurar seus homens entre os caídos, acolhê-los se ainda viviam, e chorar por eles se tivessem morrido.

Sakumbe continuou sentado tranqüilamente em seu trono, bebendo, até que Conan, com a espada ensangüentada na mão e seguido por um grupo de oficiais negros, cruzou a praça.

- Zehbeh e a maior parte de seus aphakis fugiram. – disse – Tive que matar alguns dos seus rapazes, para evitar que assassinassem crianças e mulheres aphakis. Podemos precisar deles como reféns.

- Está bem. – murmurou Sakumbe – Beba um trago.

- Boa idéia. – respondeu Conan, suspirando fundo. Logo olhou para o trono vazio. O rei negro seguiu seu olhar e sorriu.

- Bem. – disse Conan – O que acha? Ocupo-o?

Sakumbe riu entre dentes e respondeu:

- Sempre o mesmo, Conan. Golpeia enquanto o ferro está quente! Não mudou nada.

Então, o rei falou numa língua que Amalric não entendeu. Conan grunhiu uma resposta e logo houve um intercâmbio de palavras. Askia subiu os degraus que conduziam ao estrado e interveio na conversa. Falava com veemência, dirigindo olhares de desconfiança a Conan e Amalric.

Por fim, Sakumbe silenciou o bruxo com uma palavra e se pôs em pé com grande esforço.

- Povo de Tombalku! – gritou.

Todos os que se encontravam na praça voltaram os olhos para o estrado real. Sakumbe continuou:

- Posto que o traidor Zehbeh fugiu da cidade, um dos tronos de Tombalku está vago. Vocês puderam comprovar que Conan é um poderoso guerreiro. Aceitam-no como rei?

Após um momento de silêncio, ouviram-se alguns gritos de aprovação. Amalric notou que os homens que gritavam pareciam ser os cavaleiros tibus, aos quais Conan havia conduzido pessoalmente. Logo, os gritos se transformaram num clamor geral de aprovação. Sakumbe empurrou Conan para o trono vazio. Uma forte gritaria de júbilo ressoou em todo o lugar. Na praça, que estava sendo desalojada dos cadáveres e feridos, acenderam-se novamente as fogueiras. Voltou-se a ouvir o rufar dos tambores, mas já não em som de guerra, e sim para celebrar a coroação do novo rei durante toda a noite.

Horas mais tarde, atordoado pela bebida e cansaço, Amalric caminhava junto a Lissa pelas ruas de Tombalku. Conan os guiava para a modesta casa que lhes haviam designado. Antes de separar-se, Amalric perguntou a Conan:

- O que disse Sakumbe, naquela língua desconhecida, antes de lhe entregar o trono?

Conan riu de boa vontade e respondeu:

- Falamos num dialeto da costa, que estas pessoas não entendem. Sakumbe estava me dizendo que tudo estará bem, desde que eu não esqueça a cor de minha pele.

- O que ele quis dizer com isso?

- Que não me seria nada benéfico tentar arrebatar-lhe o poder, porque aqui a maioria está composta por negros, e jamais obedeceriam a um rei branco.

- Por que não?

- Porque foram assassinados e perseguidos, demasiadas vezes, pelos homens brancos da Stygia e de Shem.

- E o bruxo Askia? O que dizia a Sakumbe?

- Lhe advertia que tivesse cuidado conosco. Assegurava que seus deuses particulares lhe haviam dito que seremos a causa do infortúnio e da destruição desta cidade. Mas Sakumbe o fez calar, dizendo-lhe que me conhecia muito melhor que ele e que confiava mais em mim do que em qualquer feiticeiro.

Conan bocejou como um leão sonolento.

- Leve a sua pequena à cama, antes que caia adormecida a seus pés.

- E você?

- Eu? Voltarei a meu posto. As festas mal começaram!

Um mês mais tarde, Amalric, coberto de suor e poeira, observava atentamente, da sela de seu cavalo, como seus esquadrões passavam diante dele a todo galope, desdobrados para um grande ataque. Todos os dias, pela manhã, instruía os cavaleiros nas táticas empregadas pela cavalaria civilizada: “Em frente! Depressa!”, “Alto!”, “Ao ataque!”, “Retirada!”, e assim por diante.

Embora fossem um pouco inexperientes, os escuros falcões do deserto começavam a fazer progressos. A princípio, haviam protestado, e dirigiam olhares de ódio para aquele estrangeiro que pretendia ensiná-los a lutar. Mas Amalric, apoiado por Conan, havia dobrado suas resistências através de uma combinação de absoluta justiça e disciplina rígida. O jovem aquiloniano estava conseguindo formar uma extraordinária força de combate.

- Toque formação em coluna de quatro. – ordenou ao corneteiro que estava a seu lado. Quando soou o instrumento, os cavaleiros pararam e se organizaram corretamente em coluna, entre pragas e blasfêmias. Trotaram para as muralhas de Tombalku, passando perto dos campos onde as negras camponesas nuas interrompiam seu trabalho para observarem os guerreiros.

De volta a Tombalku, Amalric levou seu cavalo ao estábulo e dirigiu-se à sua casa. Ao aproximar-se dela, se surpreendeu ao ver Askia, o bruxo, de pé em frente à casa e falando com Lissa. A criada desta, uma mulher suba, estava na porta, escutando.

- O que houve, Askia? – perguntou Amalric, aproximando-se, com tom pouco amistoso – O que faz aqui?

- Me preocupo com o bem-estar de Tombalku. E para consegui-lo, tenho que fazer perguntas.

- Não me agrada que homens estranhos interroguem minha esposa em minha ausência.

Askia sorriu com uma careta sinistra.

- O destino da cidade é muito mais importante que o que possa lhe agradar ou não, homem branco. Até a vista!

O bruxo se afastou e Amalric, franzindo a testa, entrou em casa com Lissa.

- O que ele estava lhe perguntando?

- Ah, sobre minha vida em Gazal e como eu havia lhe conhecido.

- O que disse a ele?

- Disse que você era um herói e lhe contei como você havia matado o deus da Torre Vermelha.

Amalric refletiu durante um momento.

- Eu preferia que você não o revelasse isso. Não sei por quê, mas estou certo de que ele tenta nos prejudicar de alguma forma. Preciso ver Conan agora mesmo... Lissa, está chorando!

- Eu... sou tão feliz!

- Bom, mas qual o motivo?

- Você me reconheceu como sua esposa!

Ao pronunciar estas últimas palavras, a jovem envolveu o pescoço de Amalric com os braços e, em seguida, sussurrou-lhe palavras carinhosas ao ouvido.

- Bom, está bem... – disse o aquiloniano – Eu tinha que ter pensado antes nesse detalhe.

- Esta noite temos que celebrar uma festa de bodas!

- Sem dúvida! Mas agora tenho que ver Conan...

- Ah, isso pode esperar! Além do mais, você está sujo e cansado. Coma, beba e descanse, antes de fazer frente a esses homens terríveis.

O bom-senso de Amalric lhe aconselhava a ir ver Conan imediatamente. Mas sentia certo repúdio ante aquela reunião. Embora estivesse certo de que Askia planejava algo sujo, não tinha, na verdade, um motivo justificado para acusá-lo. Finalmente, se deixou convencer por Lissa. Comeram, beberam, fizeram amor e depois descansaram.
O sol já estava bem baixo quando Amalric partiu em direção ao palácio.

O palácio do rei Sakumbe era um grande complexo, construído com tijolos de cor ocre, como toda a cidade de Tombalku, e estava localizado próximo à praça central. Os guardas reais, que conheciam Amalric, deixaram-no entrar. No interior havia finas lâminas de ouro, que cobriam as paredes e refletiam a luz avermelhada do sol poente. Amalric atravessou um pátio espaçoso, abarrotado de gente, no qual encontravam-se as esposas do rei e seus numerosos filhos, e depois entrou nos aposentos privados do soberano.

Encontrou os dois reis de Tombalku, o branco e o negro, estendidos sobre montanhas de almofadas dispostas sobre um grande tapete que cobria um chão de mosaicos. Diante de cada um dos reis, havia uma grande pilha de moedas de ouro de diferentes países, e a seu lado uma grande taça de vinho. Um escravo se encarregava de encher suas taças, a cada vez que estas ficavam vazias.

Os dois homens tinham os olhos injetados de sangue, por causa do álcool. Era evidente que estavam bebendo há muitas horas. Sobre o tapete, entre ambos, havia um par de dados.

Amalric inclinou-se solenemente.

- Senhores...

Conan o olhou, atordoado pelo álcool. Usava um turbante coberto de pedras preciosas, que havia pertencido a Zehbeh.

- Amalric! Deite-se sobre estas almofadas e jogue conosco. Sua sorte não poderá ser pior que a minha esta noite.

- Senhor, eu realmente não posso permitir-me...

- Ah, ao diabo com esses modos! Lhe faço uma aposta.

Conan pegou um punhado de moedas de sua pilha e depositou-as sobre o tapete. Enquanto Amalric se inclinava para sentar-se, Conan, como se acabasse de lhe ocorrer repentinamente uma idéia, olhou fixamente para Sakumbe.

- Lhe direi uma coisa, rei-irmão. Jogaremos os dados, uma vez cada um. Se eu ganhar, você ordenará que o exército marche contra o rei de Kush.

- E se eu ganhar? – perguntou Sakumbe.

- Então será feito o que você quiser.
Sakumbe moveu negativamente a cabeça, ao mesmo tempo em que ria de forma sarcástica.
- Não, rei-irmão, A mim não se rouba com tanta facilidade. Partiremos apenas quando estivermos preparados, não antes.

Conan bateu com um punho no tapete.

- O que diabos está acontecendo com você, Sakumbe? Já não é o homem de outros tempos. Antes, estava sempre disposto a qualquer aventura. Agora, a única que lhe importa é a comida, o vinho e as mulheres. O que lhe fez mudar?

Sakumbe soluçou e disse:

- Naqueles tempos, irmão, eu queria ser rei, com muitos homens às minhas ordens, abundante vinho, mulheres e comida. Agora tenho todas essas coisas. Por que hei de arriscá-las em aventuras desnecessárias?

- Devemos estender nossas fronteiras para o oceano ocidental, pra dominar as rotas comerciais que partem da costa. Sabe tão bem quanto eu que a riqueza de Tombalku depende disso.

- E quando tivermos conquistado o reino de Kush e chegado até o mar, que faremos?

- Então avançaremos com nossos exércitos para o leste, pra conquistar todas as tribos ghanatas e impedir suas incursões.

- E depois, sem dúvida, vai querer atacar pelo norte ou pelo sul, e assim constantemente. Me diga, amigo, vamos supor que tenhamos conquistado todas as nações que se encontram a um raio de mil léguas de Tombalku e que a gente possua riquezas muito maiores que a dos reis da Stygia, que faremos então?

Conan bocejou e se estirou preguiçosamente. Logo disse:

- Ora, gozar a vida, eu creio. Gozar de nosso ouro, caçar todos os dias, beber e fazer amor durante toda a noite. E, de vez em quando, podemos contar mutuamente mentiras sobre nossas aventuras.

Sakumbe voltou a rir.

- Se isso é tudo o que deseja, estamos desfrutando-o agora mesmo. Se quer mais ouro ou comida, vinho ou mulheres, peça-me e os terá logo.

Conan sacudiu a cabeça, grunhiu algo inaudível e franziu o cenho, desorientado. Sakumbe virou-se para Amalric e acrescentou:

- E você, meu jovem amigo, veio nos dizer algo?

- Senhor, vim para pedir a Conan que visite minha casa e confirme meu matrimônio com minha esposa. Depois me agradaria se me fizesse a honra de ficar ali para comer algo conosco.

- Comer algo? – perguntou Sakumbe – Nada disso, pelos narizes de Ajujo! Celebraremos uma grande festa. Haverá bois inteiros assados, rios de vinho, tambores e bailarinas. O que acha disso, rei-irmão?

Conan arrotou e sorriu.

- Estou de acordo com você, rei-irmão. Celebraremos tamanha festa de bodas em honra a Amalric, que ele ficará três dias sem poder se levantar.

- Havia outro assunto. – disse Amalric, um pouco atemorizado diante da perspectiva de outro festejo como os que aqueles reis bárbaros costumavam fazer, mas sem saber como recusar-se. Logo depois, relatou como Askia havia interrogado Lissa.

Quando terminou, os dois reis franziram a testa e Sakumbe disse:

- Não tema Askia, Amalric. Todos os bruxos precisam ser vigiados, mas este é um valioso serviçal. E, quando se refere à sua magia...

Sakumbe olhou para a porta e baixou o tom de voz:

- O que pensa?

Um guerreiro, que estava de vigia na porta, disse:

- Ó reis! Um investigador dos cavaleiros tibus quer falar convosco.

- Que entre. – disse Conan.

Um negro esguio, vestido com uma branca túnica rasgada, entrou nos aposentos e se prostrou. Ao estender-se de bruços no chão, levantou uma nuvem de poeira de suas roupas.

- Meus senhores! – exclamou, ofegando – Zehbeh e os aphakis avançam para cá! Eu os vi ontem no Oásis de Kidessa, e cavalguei a noite toda para trazer-lhes a notícia.

Tanto Conan quanto Sakumbe, subitamente sóbrios, ficaram de pé. Conan disse:

- Rei-irmão, isto significa que Zehbeh poderá estar aqui amanhã. Ordene que os tambores soem os toques de guerra.

Enquanto Sakumbe chamava um oficial e lhe dava ordens, Conan se voltou para Amalric.

- Você crê que pode surpreender os aphakis em seu caminho para cá e esmagá-los com seus cavaleiros?

- Talvez consiga. – respondeu Amalric com cautela – São mais numerosos que nós, mas no norte há uns bambuais compridos, excelentes para estender uma emboscada...

Uma hora mais tarde, quando o sol se punha atrás das muralhas de Tombalku, Conan e Sakumbe subiram aos tronos que haviam no estrado da praça. Quando soaram os tambores em toque de guerra, todos os negros em idade militar compareceram à praça. Acenderam-se fogueiras. Oficiais emplumados deram ordens para que os guerreiros ficassem enfileirados, e passaram em revista as pontas de suas lanças para se assegurarem de que todas estavam bem afiadas.

Amalric atravessou a praça para informar aos reis que seus cavaleiros estariam preparados para sair à meia-noite. Sua mente fervia, pensando em planos táticos e estratagemas. No caso dos aphakis resistirem ao primeiro ataque, ele suspenderia o assalto e se retiraria, para voltar a atacar quando os aphakis se dispersassem e desmontassem de seus cavalos a fim de atacar as muralhas de Tombalku...

Subiu as escadas e chegou até onde se encontravam os reis, rodeados de oficiais negros aos quais transmitiam ordens.

- Senhores... – começou a dizer.

Uma exclamação o interrompeu. Askia apareceu junto ao trono, apontando para Amalric e gritando aos reis.

- Aí está! – gritou – O homem que matou um deus! O homem que matou a um de meus deuses!

Os negros que rodeavam os tronos voltaram seus rostos surpresos em direção a Amalric. Em suas faces refletia-se o temor e o assombro. Evidentemente, resultava-lhes inconcebível que um homem pudesse matar um deus. Quem o fizesse devia ser, portanto, outro deus.

- Que castigo seria suficiente para tal blasfêmia? – prosseguiu Askia – Exijo que o assassino de Ollam-onga e sua mulher sejam entregues a mim, para torturá-los! Deuses, vão receber o maior castigo que jamais um ser humano sofreu...!

- Cale-se! – rugiu Conan – Se Amalric matou o demônio de Gazal, o mundo ganhou alguma coisa. Agora vá embora daqui e deixe de nos incomodar. Estamos muito ocupados.

- Mas Conan... – murmurou Sakumbe.

- Estes demônios de pele branca sempre ajudam uns aos outros. – acrescentou Askia – Acaso não continua sendo o rei, Sakumbe? Se ainda o és, ordene que eles sejam detidos e amarrados! Se não sabe o que fazer com eles...

- Bom. – disse Sakumbe.

- Escute! – exclamou Conan – Se Gazal já não está acossada por esse chamado deus, poderemos conquistar a cidade, pôr seus habitantes para trabalhar e conseguir que nos ensinem sua ciência. Mas primeiro ordene que este bruxo vá embora daqui, antes que ele prove o fio de minha espada.

- Eu peço...! – gritou Askia.

- Ordene que ele se vá! – rugiu o cimério, apoiando uma mão na empunhadura de sua espada – Por Crom! Acha que eu abandonaria um velho amigo, como Amalric, nas mãos de um feiticeiro adorador do diabo?

Finalmente Sakumbe se pôs em pé e ordenou:

- Saia, Askia! Amalric é um bom guerreiro e você não fará mal a ele. Deve aplicar sua magia para derrotar Zehbeh.

- Mas eu...

- Saia! – repetiu Sakumbe.

Askia, furioso, murmurou entre dentes algo ininteligível e logo disse:

- Muito bem, eu saio, mas vocês dois logo terão notícias minhas!

Depois de pronunciar sua última ameaça, o feiticeiro se retirou apressadamente.

Amalric apresentou seu relatório sobre os cavaleiros tibus. Entre o constante ir e vir de mensageiros e de oficiais que informavam sobre as forças a seu comando, passou algum tempo antes que Amalric pudesse explicar seu plano ao rei. Conan fez algumas sugestões e, a seguir, disse:

- A mim parece bem; e você, Sakumbe, o que acha?

- Se lhe agrada, rei-irmão, deve ser bom. Vá, Amalric, e reúna os cavaleiros... Ohhhh!

Um grito terrível surgiu dos lábios de Sakumbe, cujos olhos pareciam saltar-lhe das órbitas. Se pôs em pé e cambaleou, apertando a própria garganta.

- Estou queimando! Estou queimando! Me ajudem!

No corpo de Sakumbe estava se produzindo um terrível fenômeno. Embora não se visse fogo em nenhum lado, nem exalasse calor dele, era evidente que o homem ardia como se lhe houvessem atado a uma pira acesa. Sua pele se partiu, se abriu e logo se chamuscou, enchendo o ar com cheiro de carne queimada.

- Joguem água nele! – gritou Amalric – Ou vinho! O que tiverem à mão!

O rei negro gritava desesperadamente. Alguém derramou sobre ele um balde cheio de líquido. Houve uma nuvem de vapor, mas os gritos de dor continuaram.

- Por Crom e Ishtar! – exclamou Conan, olhando furiosamente a seu redor – Eu devia ter matado aquele bruxo, quando o tive a meu alcance.

Os gritos pararam pouco a pouco. Os restos do rei..., uma coisa escura, disforme, em nada parecida com o que havia sido Sakumbe... jaziam sobre a superfície do estrado em meio a uma escura poça de gordura humana. Alguns oficiais emplumados saíram correndo, tomados pelo pânico; outros se prostraram e tocaram o chão com suas frontes, invocando seus deuses.

Conan tomou Amalric pelo pulso e lhe falou, em voz baixa e tom tenso:

- Temos que sair daqui imediatamente. Vamos!

Amalric sabia que o cimério era consciente dos perigos que deviam enfrentar. Seguiu Conan e desceu os degraus do estrado. Na praça, tudo era confusão. Os guerreiros emplumados iam de um lado a outro, gritando e gesticulando. Entre eles, acabava de estourar algumas brigas.

- Morre, assassino de Kordofo! – gritou uma voz, vinda do estrado.

Bem na frente de Conan, a muito pouca distância, um homem alto levantou o braço para arremessar um dardo. Só seu instinto selvagem pôde salvar o cimério. O bárbaro deu meia-volta e se agachou. O longo dardo passou a dois centímetros da cabeça de Amalric e afundou-se no peito de outro guerreiro.

O agressor moveu o braço para lançar outro dardo, mas antes que pudesse atirá-lo, Conan desembainhou sua espada. Esta refletiu um brilho escarlate à luz do fogo e acertou o alvo.

O homem de Tombalku caiu ao chão com o sabre cravado no peito.

- Corra! – gritou Conan.

Amalric obedeceu, abrindo caminho entre a multidão que enchia a praça. Os homens gritaram e apontaram para ele. Alguns correram atrás dele.

Amalric correu, fazendo um tremendo esforço com as pernas e os pulmões, e entrou por uma ruela atrás de Conan. Às suas costas, gritavam seus perseguidores. A rua se estreitava e fazia uma curva. Conan desapareceu diante de Amalric.

- Aqui, rápido! – exclamou o cimério, que havia se escondido no espaço estreito que ficava entre duas casas de adobe.

Amalric adentrou esse local, de apenas um metro, e permaneceu em silêncio, tentando respirar mais confortavelmente, enquanto os homens que os perseguiam passavam rapidamente.

- Talvez sejam parentes de Kordofo. – disse Conan em voz baixa – Vinham afiando suas lâminas para matar-me desde que Sakumbe se desfez de Kordofo.

- Que faremos agora? – perguntou o aquiloniano.

Conan voltou a cabeça para a estreita faixa de céu estrelado, que recortava-se acima deles, e respondeu:

- Creio que poderei subir a esses telhados.

- Como?

- Da mesma maneira que eu costumava por uma fenda nos rochedos quando eu era mais jovem, lá na Ciméria. Verá. Fique um momento com isto.

Conan deu a Amalric um dardo, e este se deu conta de que pertencia ao homem que o cimério havia matado. A arma tinha uma afiada cabeça de ferro que media um metro de comprimento, com forma de serra. Um pouco abaixo da alça, um peso de ferro equilibrava o da cabeça.

Conan soltou um grunhido, apoiou as costas num muro e os pés no outro, e começou a subir nessa estranha posição. Em seguida, transformou-se numa negra silhueta que se destacava contra as estrelas, e logo desapareceu. Depois de alguns segundos, disse lá de cima:

- Traga-me este dardo e suba.

Amalric lhe deu a arma e logo subiu da mesma forma que Conan. Os telhados eram feitos com uma espessa camada de folhas de palmeira e, sobre elas, outra de dura argila. Algumas vezes, a argila cedia sob seus pés e ouviam o rangido das folhas secas que haviam debaixo.

Amalric seguiu Conan e atravessou vários telhados, saltando os espaços que haviam entre eles. Finalmente, chegaram a um prédio enorme, localizado quase na beirada da mesma praça.

- Tenho que tirar Lissa daqui. – disse Amalric, aflito.

- Cada coisa a seu tempo. – respondeu Conan – Primeiro temos que saber o que está acontecendo.

A confusão na praça havia diminuído. Os oficiais faziam seus homens formarem filas. Sobre o estrado dos tronos, do outro lado do quadrado, estava Askia de pé, com seus adornos de feiticeiro, falando e gesticulando. Embora Amalric não pudesse ouvir o que ele dizia, era evidente que o bruxo tentava convencer os homens de Tombalku sobre suas qualidades de sábio governante.

Um barulho, à esquerda do lugar onde se encontravam, chamou sua atenção. A princípio foi um murmúrio semelhante ao som da multidão, mas logo transformou-se em clamor. Um homem chegou correndo à praça e disse a Askia:

- Os aphakis atacam a muralha leste!

Então, explodiu o caos. Soaram os tambores de guerra. Askia deu ordens à direita e à esquerda. Um regimento de lanceiros negros começou a desfilar em direção ao local da batalha. Então, Conan disse:

- É melhor irmos embora de Tombalku. Seja qual for o bando que ganhe, vão querer nossa pele. Sakumbe tinha razão: estas pessoas jamais obedecerão a um homem branco. Vá à sua casa e tire sua garota de lá. Procurem manchar o rosto e as mãos com a fuligem da chaminé, e assim passarão despercebidos pelas ruas. Procure pegar todo o dinheiro que puder. Eu lhe esperarei ali com os cavalos. Se nos apressarmos, poderemos sair pelo portão oeste, antes que o ataque de Zehbeh o feche. Mas, antes de eu ir, tenho algo a fazer.

Conan observou Askia, que encontrava-se além das fileiras de guerreiros negros. O bruxo gritava suas orações sobre o estrado. Conan ergueu o dardo.

- Há muita distância, mas creio que conseguirei atingi-lo. – murmurou.

O cimério recuou até o extremo oposto do telhado e logo correu para a frente, em direção à praça. Pouco antes de chegar à beira do telhado, lançou a arma com um forte impulso do braço e de seu enorme torso. Amalric perdeu o dardo de vista, devido à escuridão que os rodeava. Durante alguns segundos, perguntou-se aonde teria ido parar.

Subitamente, Askia gritou e cambaleou, ao mesmo tempo em que o dardo, que sobressaía por suas costas, vibrava com força. O bruxo agitou-se em violentas convulsões e logo caiu sobre o estrado. Então, Conan grunhiu:

- Vamos!

Amalric saltou velozmente de telhado em telhado. Para o leste, aumentava o ruído da batalha, no qual confundiam-se os gritos de guerra, o rufar dos tambores, toques de trompetes, gritarias e o inconfundível som metálico das armas.

Ainda não era meia-noite quando Amalric, Lissa e Conan frearam seus cavalos numa colina arenosa situada a uma légua de distância de Tombalku. Olharam para trás e viram, ao longe, o estampido da batalha. Quando os aphakis atacaram a muralha oriental e se defrontaram com os lanceiros negros em plena rua, estouraram incêndios por todos os lados. Embora os negros fossem mais numerosos, a falta de líderes supunha uma desvantagem que sua valentia bárbara não podia compensar. Os aphakis foram penetrando mais e mais na cidade, enquanto os incêndios pareciam transformar a metrópole do deserto num autêntico holocausto.

O clamor da batalha chegava até os três fugitivos como um murmúrio. Então Conan disse:

- Ao diabo com Tombalku! Ganhe quem ganhar, teremos que procurar outro lugar pra viver. Eu irei até a costa de Kush, onde tenho amigos, e também inimigos, e onde posso tomar um barco para Argos. E vocês, o que farão?

- Ainda não pensei nisso. – disse Amalric.

- Você tem uma formosa potranca contigo. – exclamou Conan, sorrindo.

Houve um silêncio prolongado e o cimério acrescentou:

- Não pode arrastá-la contigo pelo mundo.

Amalric se sobressaltou com o tom das palavras de Conan. Chegou mais perto de Lissa e passou um braço por sua cintura, com atitude protetora, ao mesmo tempo em que apoiava sua mão livre na empunhadura da espada. Conan sorriu.

- Não tema. – disse – Jamais me interessei pelas mulheres de meus amigos. Se vier comigo, poderá regressar à Aquilônia.

- Não posso voltar à Aquilônia. – respondeu Amalric.

- Por quê?

- Meu pai foi assassinado durante uma disputa com o conde Terentius, favorito do rei Vilerus. Por esse motivo, toda minha família teve que fugir de lá. Do contrário, os agentes de Terentius teriam nos matado.

- Mas você não sabia? – perguntou Conan – Vilerus morreu há seis meses. O rei atual é um sobrinho. Dizem que todos os parasitas que cercavam o velho rei foram destituídos, e que todos os exilados voltaram. Eu soube tudo isso através de um comerciante shemita. Eu, em seu lugar, iria correndo para casa. O novo rei encontrará um bom posto pra você. Leve sua jovem Lissa e transforme-a em condessa ou algo do gênero. Quanto a mim, vou embora para Kush e para o mar azul.

Amalric olhou de novo em direção ao esplendor vermelho que vinha de Tombalku.

- Conan... – disse ele – Por que Askia matou Sakumbe, se na realidade ele tinha mais motivos para acabar conosco?

Conan encolheu os ombros.

- Talvez tivesse problemas mais graves com Sakumbe, e por isso empregou a magia contra ele. Nunca entendi a mentalidade dos bruxos.

- E por que se preocupou em matar Askia?

Conan olhou-o fixamente antes de responder.

- Quer zombar de mim, Amalric? Eu, deixar um amigo sem vingar? Sakumbe, malditos sejam seus hábitos sombrios, era meu amigo! Apesar de ter engordado e se tornado preguiçoso nestes últimos anos, era muito melhor que a maioria dos homens brancos que conheci.

O cimério suspirou fundo e moveu a cabeça como um leão agitando a juba. Logo acrescentou:

- Bom, ele morreu e nós estamos vivos. Mas, se quisermos continuar vivendo, é melhor irmos embora daqui antes que Zehbeh envie uma patrulha em nossa busca. Vamos!

Os três cavaleiros avançaram pela ladeira ocidental da colina arenosa e, em seguida, cavalgaram apressadamente para o oeste.